



Diretor:  
ONILDO BENÍCIO ROGANO

Secretário:  
ALBERTO MARIA DE LUCA



Órgão oficial do  
Centro Acadêmico "OSWALDO CRUZ"

A N O X X

SÃO PAULO, AGOSTO-SETEMBRO DE 1953

N.º 66

## NÚMERO COMEMORATIVO DO 40.º ANIVERSÁRIO DO C.A.O.C.

# Comemorou festivamente 40 anos de vida o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

HISTÓRICO DA NOSSA AGREMIÇÃO ESTUDANTIL — DIRETORIAS PASSADAS —  
DEPARTAMENTOS DO CAOC — ATUAIS CATEDRÁTICOS FORMADOS NA F.M.U.S.P.

Transcorreu em 14 de Setembro próximo o 40.º aniversário de nosso grêmio, o C.A.O.C., que é a entidade representativa dos acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

No dia 16 de setembro, em regosio pela efemeride, reuniu-se a diretoria e os sócios no Teatro da Reitoria, sito a Av. Dr. Arnaldo n.º 1, em sessão solene, em cujo início às 20,30 hs. abriu a cerimônia o 1.º orador do Centro, Ac. Lauro Roberto Fogaça, que dissertou sobre os feitos, progressos e os atuais empreendimentos do C.A.O.C.

Em seguida falou o convidado de honra, Prof. Dr. Jayme Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, DD. Diretor da Faculdade de Medicina, o qual historiou com minudencia e naturalidade, pois que viveu grande parte da narrativa, as origens, tropeços e glórias da entidade acadêmica.

Finalizando a parte oratória expôs o presidente do Centro, o colega Tharcillo Toledo Filho, os propósitos que sempre nortearam a agremiação, os quais seguiu, com acerto e valor, em sua atual gestão.

### HISTÓRICO

Foi fundado a 14 de setembro de 1913, pelos acadêmicos Waldomiro Guilherme de Campos, Sinésio Rocha, Ernesto de Souza Campos, Sebastião Antunes, Odete dos Santos Nora, Benja-

min Reis, J. Ferreira Santos, J. Passos da Cunha e Renato Lacerda.

A primeira sede do Centro foi instalada na Escola de Comércio "Alvares Penteado", que foi o local inicial e provisório da Faculdade de Medicina.

A primeira eleição para a Diretoria do Centro Acadêmico foi realizada no Salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, tendo sido sufragados os nomes dos seguintes candidatos:

Waldomiro G. de Campos: — Presidente.

Artur Costa Filho: — Vice-Presidente.

Sinésio Rocha: — Orador.

Danton Vampré, Odete Nora, Benjamin Reis, E. de Souza Campos, Sebastião Antunes Ferreira Santos, Passos Cunha e Renato Lacerda, para os demais cargos.

### PRESIDENTES DO CENTRO ACADEMICO "OSWALDO CRUZ"

- 1914 — Waldomiro de Campos
- 1915 — Jayme Candelaria
- 1916 — Ernesto de Souza Campos
- 1917 — Ernesto de Souza Campos
- 1918 — Ernesto de Souza Campos
- 1919 — Fernando Brito Pereira
- 1920 — Potyguar Medeiros
- 1921 — Waldemar Pessoa
- 1922 — Felício Cintra do Prado
- 1923 — José Ignácio Lobo
- 1924 — Benedito da Cunha Campos
- 1925 — Alvaro Guimarães Filho
- 1926 — José Almeida Camargo
- 1927 — João Alves Meira
- 1928 — Renato da Costa Bonfim
- 1929 — Paulo de Toledo Artigas
- 1930 — Mario Altenfelder Silva
- 1931 — Carlos Costa
- 1932 — Raul de Almeida Braga
- 1933 — Paulo da Silva Gordo
- 1934 — Paulo de Camargo
- 1935 — Carlos Virgílio Savoy
- 1936 — Pedro Badra
- 1937 — Roberto Brandt

- 1938 — Domingos Machado
- 1939 — Roberto Barbosa
- 1940 — Silvio Januario Grieco
- 1941 — Bindo Guida Filho
- 1942 — Raul Martinez
- 1943 — Roberto Barbosa
- 1944 — Francisco Yellosso Braga
- 1945 — João Bellini Burza
- 1946 — Duilio Crispim Farina
- 1947 — Jorge Barifaldi Hirs
- 1948 — Alvaro da Cunha Bastos
- 1949 — Roberto Fortes
- 1950 — Roberto Brolio
- 1951 — Walter Belda
- 1952 — Luiz Edmundo da Silva Freire
- 1953 — Tharcillo Toledo Filho

### DIRETORIA ATUAL

Presidente: THARCILLO TOLEDO FILHO.

Vice Presidente: JOAO PAGENOTTO

Primeiro secretário: JOAMEL BRUNO DE MELLO

Segundo Secretário: ADELONCIO FARRIA DE SANTANA

Primeiro Tesoureiro: ENIO O. DOS SANTOS

Segundo Tesoureiro: MARIO CINELLI JUNIOR

Primeiro orador: LAURO ROBERTO FOGAÇA

Segundo orador: WILHELM KENZLER

Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Atual diretoria: Presidente: Rubem Pimenta da Silva

Secretario Geral: José Lauro Araujo Ramos.

Secretário: Fernando Ruas dos Santos.

Associação Atletica Academica "Oswaldo Cruz":

Presidente: Luiz Baccalá, Secretário: Walderez M. Rodrigues Tesoureiro: Alfredo Stavale Sobrinho.

Diretores atuais dos Departamentos do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Jornal "O BISTURI" — Órgão oficial do grêmio.

Diretor: Onildo Benício Rogano. secretario: Alberto Maria de Luca.

Departamento do cinema educativo: Roberto Godoi Moreira.

Departamento de Medicina Social: Roberto D'Alessandro.

Departamento Social: Abeylardo Queiroz Orsini.

Departamento Feminino: Norma Wollner.

Departamento Cultural: Ruy Yamanishi.

Departamento de Medicina Psicossomatica: Odon Ramos Maranhão.

Departamento de Ensino Médico: Edmundo Juarez.

Departamento Beneficente: "Arnaldo Vieira de Carvalho"; Alvaro Coutinho.

Liga de Combate a Tuberculose: Nicola Conrado Italo Palazzo.

Liga de Combate ao Cancer: Hélio Lemmi.

Liga de Combate à Sífilis: Ddo. Luís Antonio Reginato.

Diretor de Sede: Francisco Paoliello.

"Show" Medicina: Fernando Proença Gouveia. — Fundado em 1944.

Curso "Oswaldo Cruz": Leão Pousa Machado.

Farmacia do Estudante: Waldemar Abdo.

Bar e Restaurante do grêmio: Dr. Edmundo Zazur e D. Alcinda Duarte Moreira.

Gabinete Dentário: Dr. Walter Tuzzolo — dentista. Foi fundado em meados de 1950.

### AÇÃO SOCIAL PRÓ "BISTURI"

Foi sorteado o Cartão N. 140-640, pela Loteria Federal de 30 de Setembro de 1953, o qual dava direito ao "TRATADO DE MEDICINA" do Cecil, oferecido pela Editora Guanabara.

O contemplado foi o acadêmico Oscar de Souza Lopes, do 4.º ano, ao qual foi entregue o prêmio, no dia 2 de outubro na sede do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Procurador do grêmio: Luís Edmundo da Silva Freire.

Revista de Medicina: Diretor responsável: Dr. Liberato Di Dio

Editor: Dr. Oswaldo Lange.

Secretário: Dr. Clayton de Angelis.

Diretores Acadêmicos: Ruben Pimenta, Hélcio Bahia Corradini, Jonas Pires Correa, Diomed Belliboni, Norma Wollner, Olavo Carvalho Filho, Ruy Laurenti e Braz Martorelli Filho.

Fundada em 1916 e desde então publicada pelo D. C. do C.A.O.C.

Conselho Consultivo do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz":

Drs. Carlos da Silva Lacaz, Charles E. Corbett, Constantino Mignone, Névio Pimenta, E. J. Zerbini, Bernardino Tranches, Ruy Ferreira Santos, Paulo Zuppo e José Fernandes Pontes. Prof. Dr. Jayme A. A. Cavalcanti, (Pres.) Dr. Sergio Aranha Pereira; Dr. Mario Montenegro.

Catedráticos, que foram alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo:

Flamínio Favero, Ernesto de Souza Campos, Franklin de Moura Campos, Jayme Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Samuel Barnsley Pessoa, Renato Locchi, Edmundo Vasconcelos, Alípio Corrêia Neto, Aderbal Pinheiro Machado Tolosa, José Bonifácio Medina, Francisco Elias de Godoi Moreira, Pedro de Alcântara Marcondes Machado, Antônio de Ulhoa Cintra, Paulo Decourt, João Alves Meira, Charles Erwart Corbett e Carlos da Silva Lacaz.

### ELIMINAÇÃO DE ALUNO

A Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, por decisão tomada em reunião de 19 de junho deste ano, excluiu definitivamente do Corpo discente desta Faculdade, o sr. Bartolomeu José Francisco de Araujo Dias Lima Neto.

Esta decisão foi amparada nos termos do art. 336 letra e do Regulamento (Decreto de 6 de abril de 1935).

**DR. João Cioffi de Luca**  
ADVOGADO  
Cível e Criminal  
RUA 3 DE DEZEMBRO, 17  
Sala 76 7.º andar

**Posto de Serviço Texaco Angelica**  
DE  
**Camillo Morelli**  
ONDE V. S. ENCONTRARÁ TODOS OS PRODUTOS DA FAMOSA LINHA TEXACO  
GASOLINA - MOTOR - OILS - KEROSENE - GRAXA - ACESSORIOS  
ESPECIALIDADE EM FILTROS DE OLEO PARA TODOS OS TIPOS DE AUTOMOVEIS  
Atenção e Cortesia  
AVENIDA REBOUÇAS, 158 — FONE: 51-6865

## CASA BEETHOVEN

Fischeti & Rossi Ltda.

MUSICA — PIANOS — RADIOS — DISCOS — INSTRUMENTOS — PAPELARIA — REFRIGERADORES  
 Largo da Misericórdia, 36 Fone: 32-0303 C. Postal 348  
 SÃO PAULO

Cirurgia — Móveis para Consultórios — Artigos em geral para: Médicos, Parteiros, Hospitais e Farmácias Gazes para Anestesia e Filmes para Raio X

## CASA CIRURGICA

Costa & Carvalho

R. SENADOR FEIJÓ, 121 — FONES: 35-9029 e 32-0132  
 CAIXA POSTAL 1410 — SÃO PAULO

## CIRURGIA AMERICANA LTDA.

ACESSÓRIOS PARA MEDICOS E HOSPITAIS  
 INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS E ORTOPÉDICOS —  
 CINTAS — FUNDAS — MEIAS ELÁSTICAS

IMPORTAÇÃO DIRETA

Rua Conselheiro Crispiniano, 108 — Fone: 34-7898  
 Caixa Postal, 5.301

## Curso Oswaldo Cruz

### Vestibular de Medicina

do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da  
 Faculdade de Medicina de São Paulo

\*

\*

Inscrições no Edifício CURSO OSWALDO CRUZ  
 Rua Teodoro Sampaio, 281, ao lado da Escola de  
 Enfermagem

## Ind. Farm. Endochimica S.A.

S. F. E. P. INSCRIÇÃO 159 — FARM. RESP. H. P. BERNARDES

Matriz:  
 AVENIDA STO. AMARO, 1239  
 CAIXA POSTAL, 7230  
 SÃO PAULO — BRASIL

End. Telegráfico:  
 ENDOCHIMICA  
 TELEFONES: (8-21-38)  
 (8-2139)

### FILIAIS

<b>RIO DE JANEIRO</b> Av. Calógeras, 15 - 7.º Sala 702 - Tel. 42-0745 Caixa Postal, 4335	<b>PORTO ALEGRE</b> Rua Riachuelo, 1.600 Caixa Postal, 707 Telefone: 8220	<b>BELO HORIZONTE</b> Av. Olegario Maciel, 380 Caixa Postal, 779 Telefone: 2-7274
---	--	--

<b>RECIFE</b> Rua da Conceição, 14 Terreo Telefone, 3435	<b>CURITIBA</b> Trav. Oliveira Belo, 18 Caixa Postal, 280 Telefone: 442	<b>SALVADOR</b> Av. 7 de Setembro, 142 1.º - Sala 107-108-109 Telefone: 5593
---	--	---

# Concurso de projeto de hospital

Visando a divulgação dos modernos princípios de planejamento de hospitais e de conformidade com o estabelecido por ocasião do 1.º Curso de Planejamento de Hospitais, o Instituto dos Arquitetos do Brasil-Departamento de São Paulo, instituiu um Concurso de Projeto Hospitalar, que deve ser disputado por equipes, formadas por acadêmicos de Medicina, Arquitetura, Engenharia e Administração Hospitalar, de todo o país.

Dessa forma, o Diretor do Curso de Planejamento de Hospitais, arquiteto Jarbas Karman, enviou ao Diretor de nossa Faculdade o Edital, onde constam o programa, prêmios e demais informações.

A direção desse jornal, procurando informes, apurou o seguinte: o tema do concurso é dotar uma comunidade brasileira de assistência médico-hospitalar adequada. Existe uma Comissão Organizadora, Consultora e Julgadora, constituída pelo Arq. Jarbas B. Karman, Eng. Eduardo de Moraes Dantas, Dr. Odair Pacheco e Dr. Marcelo Guimarães Leite. Quanto aos concorrentes, estatuiu-se que só podem participar do Concurso equipes de

universitários, integradas, no mínimo por quatro estudantes, um de Arquitetura, um de Engenharia, um de Administração Hospitalar e um de Medicina, alunos de qualquer Faculdade do Brasil, oficial ou reconhecida, regularmente matriculados no corrente ano. Na falta de estudante de administração hospitalar, para integração da equipe, será ele substituído, obrigatoriamente por um que, em fins do ano de 1952, seja doutorando em Medicina. Diz o edital que qualquer alteração de equipe ou formação de consulta deve ser feita até 15 de janeiro de 1954. Cremos que este é o prazo de inscrição, que deve ser feito no Instituto de Arquitetos do Brasil, I.A.B. Departamento de S. Paulo — Rua Bento Freitas n.º 306.

O prazo de entrega é o dia 2 de março de 1954, na sede do I.A.B.

As decisões do júri, por ocasião do julgamento, serão livres, definitivas inapeláveis.

Os prêmios serão distribuídos pela Universidade de S. Paulo, Conde Alexandre

Siciliano Junior, Jockey Club de São Paulo Vereador Ermano Marchetti, Instituto de Engenharia de São Paulo, Associação Paulista de Medicina, Associação Paulista de Hospitais, Instituto de Arquitetos do Brasil (Departamento de São Paulo), variando de 50 contos a 10 contos, na ordem expressa, havendo ainda duas menções honrosas finais.

Para maiores informações queiram os prezados colegas ler o Edital de Concurso, ou com Prof. Jayme A. Cavalcanti, DD. Diretor de nossa Faculdade, ou na sede do IAB — Dep. de S. Paulo, ou ainda com a Comissão Org., Consultora e Julgadora.

DR.

## Sylvio Barone

CIRURGIÃO-DENTISTA

R. José Bonifácio, 278 - 7.º  
 s. 701-702 - Fone: 32-9698

## Livraria Luso-Espanhola e Brasileira Ltda.

Livros de Medicina  
 FILIAL DE S. PAULO  
 VENDAS A PRAZO

HOSPITAL DAS CLINICAS — 4.º andar Tel.: 8-2161  
 Rua Barão de Itapetininga, 224 8.º andar Sala 82 Tel.: 36-0330

## LABOR CIRÚRGICA LTDA.

IMPORTADORA

MATERIAL MÉDICO E HOSPITALAR EM GERAL

OFERECEMOS AOS ACADEMICOS DE MEDICINA UM DESCONTO DE 10 POR CENTO SOBRE TODAS AS COMPRAS EFETUADAS EM NOSSA FIRMA

Rua São Bento, 100 — Sobre-Loja sala 1 — Tel.: 32-9209 e 33-1248  
 SÃO PAULO

## ARRANCADO...

(Continuação da última pág.)

fetal.  
 Raul Briquet foi ainda pioneiro do ensino da enfermagem no Brasil, pois, se a Escola oficial só foi criada em 1922, já dez anos antes se interessava pela formação de profissionais que auxiliassem o obstetra na assistência ao parto.

E sua atuação nesse sentido foi de preparar profissionais progressivamente mais aptas e cultas, adstrito à realidade econômica do País, impeditiva ainda hoje que a assistência obstétrica a estivesse, como seria ideal, entregue só a médicos. A Escola de Obstetrias recebeu do catedrático de Clínica Obstétrica todo cuidado e foi sob sua direção que se efetivou a reforma pela qual o preparo dessas profissionais se fez em período trienal, ocupando-se o 1.º ano das cadeiras básicas, o 2.º da enfermagem geral e o 3.º da especialização na assistência ao parto.

Coroamento da obra fecunda de Raul Briquet foi a idealização da Maternidade Universidade, instituto de ensino, pesquisa e assistência, que, infelizmente, não pôde ver concretizada, mas que as fundações já terminadas aí estão, testemunhando o trabalho incansável de seu criador, num anseio de melhorar cada vez mais o preparo dos médicos, em especialidade de valor social tão elevado de proporcionar às que a procurarem a garantia de assistência adequada.

O nome de Raul Briquet que, como solicitamos, será gravado no frontispício desse monólito hospitalar será como dissemos exemplo para as gerações porvindouras, agradecimento daquelas que lhe acompanharam a trajetória luminosa resgate de dívida insolúvel para com ele contraída por aqueles que dele tanto se valeram.

Com este rápido esboço biográfico da vida obstétrica de nosso

## SHOW MEDICINA

FUNDADA EM 1944

Dirigido por Fernando Proença Gouveia. Transcorreu mais um Show-Medicina. Mas nunca será o último nem o melhor. Porque todos os anos temos um outro Show e cada vez melhor; ganhou este ato mais objetividade, mais simplicidade e sobretudo tornou-se um Show para todos os estudantes, desde o primeiro até o último ano, e consequentemente um Show que agradou um número maior de apreciadores, tanto estudantes, como pessoas outras. Foi um Show de caráter geral, não tanto "médico", como de outras vezes. Foi um Show para as nossas famílias, conhecidos, amigos, noivas, etc. Desceu do picaresco, mas transbordou de hilariedade.

E observamos também um curioso fenômeno. Nasceram artistas! Sim, aqueles elementos que dantes ocupavam papéis secundários mostraram toda sua classe, seu elan. Desfalcados com a saída de grandes artistas o ano passado, em virtude de sua formatura, muitos pensaram que o SHOW estava acabado, que iria perder seu brilho, a sua popularidade. Todos, menos alguns poucos, entre os quais o ex-diretor deste órgão José Velensk, que assim escreveu: "Temos sempre a impressão de que o Show vai morrer. Mas não é verdade! Os que ficam e os que surgem, alentados e inspirados nos grandes que nos deixam, esforçam-se por se aperfeiçoarem e levam de novo e sempre o SHOW MEDICINA à cena e com igual e inconfundível sucesso".

Sim, realmente, do primeiro ano surgiram grandes valores, das outras séries desfizeram as crisálidas de seus casulos de anonimato; perdemos um espiquer,

Professor suspendemos as atividades de hoje, em memória ao seu trabalho profícuo, à sua vida cheia de ideais, e ao muito que fez na nossa terra pelo ensino da Obstetrícia.

1) Palavras proferidas pelo Dr. J. Onofre Araújo no reinício do Curso de Clínica Obstétrica após o falecimento do Prof. Raul Briquet (12-9-1953).

mas ganhamos dois; abandonaram-nos alguns "virtuosos" mas a ribalta e o palco se encheram de novos valores.

A orientação foi boa, ótima: equilibrada, honesta, decente. E o RIDENDO CAS-TIGAT MORES surgiu grandioso, impetuoso, derrubando preceitos, abalando mediocridades, esclarecendo os bradipsíquicos, desabafando nossas penas, sofrimentos e frustrações.

Em primeira exibição gratuita, obteve "donativos" que excederam a expectativa; em 2.ª exibição, procura superou de muito o n.º de entradas disponíveis.

Sucesso meridiano, confortador, enocmiástico!

## EXPEDIENTE

### "O BISTURI"

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
 (Jornal registrado no D. N. I.)

Diretor: ONILDO BENICIO ROGANO

Secretário: Alberto M. de Luca  
 Redatores: Ivone Facuri, Maria José Martins Nicola C. I. Palazzo, Wilklem Kenzler, Willan Nicolau, Szmul I. Kwanlewsky, José Velensk.

"O BISTURI" aceita colaborações dos colegas da nossa e de outras Faculdades. Os originais deverão ser escritos à máquina, espaço duplo e assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. Todos os redatores recebem colaborações. O Conselho Redatorial não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos colaboradores reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

Publicidade: somente a diretoria é outorgado o direito de passar recibos.

## A EXTINÇÃO DA 15. CADEIRA CLÍNICA MÉDICA

Existe um projeto de Lei sobre a extinção da 15.ª cadeira-Clinica, Médica (6.º ano); Medicina Geral e Patologia Médica, assentada no processo n.º 5991-51 da Reitoria. Em aditamento, a Congregação resolveu fosse concretizada antiga aspiração dos docentes livres da Clínica Médica e também dos catedráticos aprovando por vinte votos contra um, uma proposta no sentido de ser dada àquele projeto de lei uma nova redação, pela qual se criaria o citado Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, constituída pela 13.ª cadeira — (C.M. do 4.º ano) 14.ª — (C.M. do 5.º ano).

E' preciso salientar que na opinião de professor estrangeiros e autoridades médicas científicas de vários países, bem como nacionais, é a maneira mais correta adequada de se ministrar produtivamente o ensino e fomentar a pesquisa.

Embora não tenhamos sido chamados a opinar, nós, estudantes de Medicina, compreendemos os elevados motivos que ditou a moção de nossa Congregação à Reitoria e hipotecamos o nosso voto de confiança a esta atitude da douta Congregação.

Lamentamos, é verdade, a posição pinaculiforme de nossos mentores em relação aos estudantes, mormente aos de âmbito universitário. Esquecem eles que somos homens, o suficientemente amadurecidos, e com um alto grau de responsabilidade, ditada por nossas funções dentro e fora da Faculdade. Não querem ver que nós estudantes, não somos fedelhos desinteressados pelos acertos ou desmandos de suas resoluções. Desconhecem que em outras faculdades, *Verbi gratia*, a do Rio de Janeiro, as do Uruguai, têm os estudantes voz ativa dentro da Congregação, pelo menos através de um único portavoz, que ousa (digo melhor, tem o justo direito) discutir os problemas

relacionados à sua escola e à sua formação profissional.

E' mister recordar aqui uma passagem mitológica, de qual nossos professores parecem desconhecer: Havia entre as deidades especializadas na arte de curar o famoso Centauro Chiron ou Quiron, versado em todas as artes e ciências, representando em seu esoterismo com o título de semi-deus, poder das mãos, (quiros), bem firmadas, como que para atuar com precisão, em grande estabilidade corpórea, fundamentada sobre quatro poderosas extremidades, com cabeça, não obstante um tanto disposta para as especulações isosólicas.

Podemos entrever no acadêmico universitário este mesmo centauro, preso pelas suas extremidades podálicas ao curso básico, mas cujo encéfalo, não obstante, está algo disposto para as especulações superiores, mormente para os problemas curriculares, já que as impressões senso-afetivas e mesmo ideativas nele se originam predominantemente.

Recordem os dignos professores os seus problemas de quando estudantes, quando ainda estavam sob o jugo de catedráticos mais velhos e quiçá mais ranzinzas que os atuais. Não se vê na Congregação gente moça, pelo menos com a mocidade capaz de sentir e raciocinar como os jovens de agora. Os catedráticos já foram estudantes e temos mais de uma dezena deles em nossa Congregação que lustraram os mesmos bancos, pisaram os mesmos corredores que hoje palmilhamos. Mas nem por isso suas reações e pontos de vista são os mesmos que os nossos. Foram se diluindo no correr dos anos, embotados pela flata de uso, substituídos por problemas e questões diversas, a medida que ascendiam na carreira universitária.

Todavia todo catedrático tem em si o mesmo germe que estudante possui;

mas é preciso que nos ouçam, que discutam conosco, que voltem a sentir os velhos e os novos problemas não solucionados ainda. E como?

Consultando os acadêmicos.

Não consultam eles os causídicos para resolver os seus impasses judiciais? Não recorrem ao alfaiate para fazer as suas roupas? Não entregam os projetos e construção de suas residências para os engenheiros arquitetos? Pela mesma razão deverão consultar a nós, sim a nós, simples estudantes, *embriões de médico, mas estudantes maduros*, para saber como *pensa, como sente e como age* um estudante.

E há vantagem? E' muito licito julgar que sim, seja por aferições imediatas, seja por consequências indiretas. Ai estão os casos como o do Pronto Socorro, do curso de Terapêutica, do Hospital das Clínicas as funções do estudante de Medicina, da reforma do ensino médico, que foram verdadeiros "pivots" nas últimas publicações deste jornal. Se as soluções auferidas resultaram de alguma forma da leitura do mesmo, não o sabemos e não temos a petulância de afirmar, mas a coincidência é marcante. Onde concluíamos que no fundo, o nosso pensamento estava certo, tanto que vimos nossos ansiosos convertidos em realidade.

Corpo discente e corpo docente. E' necessário a antítese? Não. Melhor fóra se funcionassem harmônica e amistosamente. Não que realmente os professores sejam "inimigos" dos alunos; que acontece é que as oportunidades de aproximação e discussão pacífica dos seus "casos" são escassas. Um e outro grupo, professores e alunos, devem colocar-se dentro de uma mesma frequência, embora suas amplitudes difiram, para que resulte numa harmonia às suas atuações. E' isso o que desejamos creio sinceramente que é o mesmo que almejam os mestres.

E concluindo, quero lembrar tema central deste artigo: cooperem os professores com os alunos, sempre, através de maior contato conosco, como o que se deu este ano em relação às enfermarias de cirurgia, cujo resultado auspicioso bem mostra o quanto pode ser útil e entrosamento das idéias nossas e as da Congregação.

Onildo Benicio Rogano

## A Alfaca, a Wandinha e Eu!

Historia com moral dedicada à Wandinha.

Wandinha, eu estou apaixonado! Não, NÃO! Não faça juízo precipitado. Não é por voce não, que nada! E desta vez não agi com precipitação, como naquele naquele almoço, aquela vez, no bar. Lembra-se?

Ah! Como eu gosto de alfaca. Uma folhinha verde e delicada, banhada em azeite e vinagre, sem muito sal, que delicia!

Mas a alfaca no prato da Wandinha não me parecia ter nada de extraordinário. Minha gastronomia não a atraia para mil. E não a comia. Acabou as outras folhas, só ficou "aquela". "Coma-a logo, Wanda, o que esperas? Senso. No olhar dela não descobri nada. Não sei se a vai comer com sofreguidão ou despresá-la com um gesto nobre. Mas a folhinha continua intacta. Que é que há? "Que aflição, meu Deus!" A Wandinha saracoteia, pega o garfo, vai come-la. Arre! Enfia o garfo na folhinha, cumprimenta o Stavale, Deveza e Montenegro, que entram, e retira o garfo mais limpo do que entrou; olha

para o lado, olha para mim, põe o garfo no prato, põe os cotovelos na mesa, de glute em seco, envergonha-se de minha presença, come uma garfada de macaronada, olha alfaca, fica olhando, não a come. "Coma, mulher, eu já estou ficando louco". Sossêgo! Daqui a pouco acaba comida e ela tem que comer a folhinha. E' inevitável.

Ela faz uma "retirada estratégica". — "Vou buscar um guaraná". Vira as costas, e sai. Incontinentemente lanço-me sobre a folhinha fatídica a engulo inteira. — "Pedir-lhe-ei desculpas quando ela voltar", me justifico interiormente. A folhinha estalou gostosa, entre meus dentes.

Ela volta, pedindo licença entre as cadeiras. Chega perto. Mais perto. O olhar fixo no prato onde até há pouco estava a alfaca. Pára em frente à mesa. Quase derruba derruba o copo. Olha atônita o pratinho sem a alfaca. E me pergunta: — "On... Onde es... está... a alfaca com o caramujinho?... Moral da historia: No Bar, quando alfaca é fresquinha, vem caramujo na folhinha.

Alberto Maria

DIANTE DE UMA CRISE ASMÁTICA

Comprimidos, xarope ou supositórios

**FILINASMA**

LABORATÓRIO SINTETICO LTDA.

Rua Tamandaré, 777 São Paulo

**Livraria Atheneu Ltda.**

LIVROS DE MEDICINA

HOSPITAL DAS CLINICAS

Av. Dr. Adhemar de Barros, 476 4.º andar

Tel.: 8-2121 R. 99 São Paulo



POSTO DE SERVIÇO ESSO

"Carlos de Campos"

MOLIN & FREDERICO homenageiam o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" pelo transcurso de seu 40.º aniversário. GASOLINA, OLEOS, LUBRIFICANTES, LAVAGEM E LUBRIFICAÇÃO. PNEUS ATLAS, BATERIAS ETC. Av. Paulista, 1557, esquina da Consolação Fone: 51-1638

Laboratorio Sanitas do Brasil S/A

Av. Lins de Vasconcelos n. 3406/20

ESTÁ APARELHADO MATERIAL E TECNICAMENTE

PARA GARANTIR A CONSTÂNCIA DE

SUAS PREPARAÇÕES

**PRAVAZ, LABORATÓRIOS S. A.**

Homenagem a o

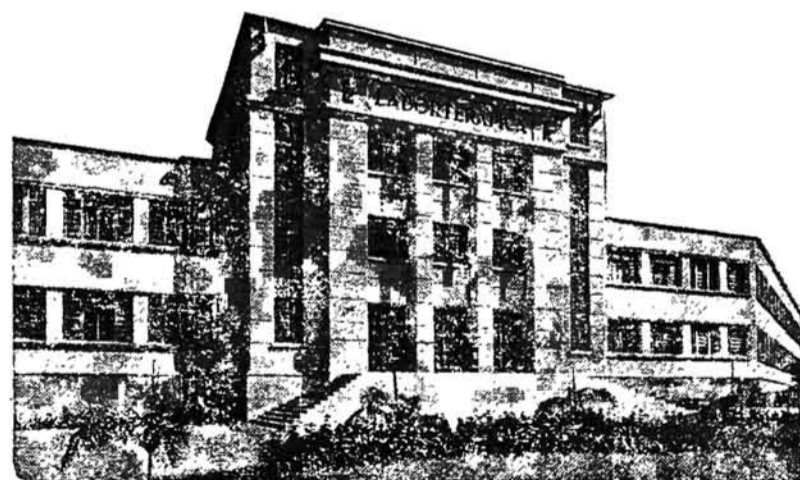
CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"

RUA JANDAIA, 20 e 30 — Fone: 35-3554

**LABORTERAPICA S. A.**

Indústria Química e Farmacêutica

Rua Carlos Gomes, 294 - Santo Amaro - S. Paulo



Fabricantes de produtos farmacêuticos marca LABOR

VITAMINAS - ACIDO PARA-AMINO SALICILICO (P. A. S. LABOR) TB LABOR HORMÔNIOS - AMINOÁCIDOS EXTRA-TOS OPOTERAPICOS - INSULINA LABOR, ALTAMENTE PURIFICADA, PADRONIZAÇÃO PERFEITA E CONTROLE RIGOROSO

Capitais, Direção, Orientação e Técnica, brasileiros.

Uma instituição apoiada na confiança do médico

# ENTREVISTANDO O DR. ODAIR PEDROSO

Por ONILDO BENICIO ROGANO

Entrevista realizada em junho de 1953, na Faculdade de Higiene da Universidade de S. Paulo. O Dr. Odair Pacheco Pedroso, além de outros títulos, faz parte do Conselho Técnico do Hospital das Clínicas e é pessoa altamente especializada em matéria hospitalar, de prestígio local e mesmo internacional. Soubemos que foi recentemente no meado membro do Colégio Americano de Administradores de Hospitais Aproveitamos o ensejo para agradecer a entrevista, bem como para congratularmo-nos com este auspicioso acontecimento.

1 — E' Hospital das Clínicas, hospital "padrão A"?

Cabe fazer um reparo à sua pergunta. Padrão A, no sentido norte-americano, devemos reservar apenas para classificação de Faculdades de Medicina, segundo a American Medical Association.

A classificação hospitalar é a seguinte:

- 1.º — Hospitais aprovados pelo Colégio Americano de Cirurgiões;
- 2.º — Hospitais provisoriamente aprovados.
- 3.º — Hospitais não aprovados.

Na realidade, um inquérito promovido pelo Colégio Americano de Cirurgiões não aprovaria integralmente Hospital das Clínicas. Daria apenas como provisoriamente aprovado. Não que fosse deficiência do Hospital das Clínicas, mas porque ele apenas realiza de forma diferente o mesmo que os hospitais americanos aprovados pelo C.A.C. Para se enquadrar exatamente nos modelos deste órgão, seria preciso fazer algumas modificações, por exemplo no que tange às reuniões do corpo clínico para discussões de casos; ao invés de serem realizadas privativamente nos serviços especializados, deveriam ser de órbita geral, de todo o hospital. Além disso a questão das atas dos serviços, que não existem. O H. C. entraria em pouco tempo na categoria dos aprovados, caso fosse realizada a sua remodelação para a aprovação. Aqui se faz a mesma clínica, o mesmo tipo de pesquisas, e o mesmo tipo de tratamento que nos melhores hospitais aprovados dos Estados Unidos.

Levando o problema para a Santa Casa de Santos para o Hospital dos Servidores Públicos do Rio de Janeiro, estes também não seriam aprovados. Quanto ao Hospital dos Servidores Públicos do Rio de Janeiro, sabemos que já foi provisoriamente aprovado, mas atualmente, continuaria na mesma classificação ou seria considerado não aprovado, porque já transcorreu o prazo de um ano para a reforma desse hospital.

Cumpramos ressaltar que o H.C. é o melhor do Brasil.

2.a pergunta: — O Hospital das Clínicas é um hospital de pesquisas tão somente, curso de post-graduação, Faculdade de Especialização Médica, ou hospital de ensino medico-cirurgico para os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo?

Eu respondo pelo último item, isto é, constitui um centro de ensino médico-cirurgico para os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mas para que isto seja possível é preciso que o Hospital preencha outras duas funções: Hospital de Pesquisas e Curso de Post-graduação.

Quanto à Faculdade de Especialização Médica só existem duas no mundo: uma em Nova Iorque outra na Europa. E' um sonho de uma noite de verão. Seria uma super-Faculdade de Medicina. E quem seria super-professor?

A formação de especialistas se faz da forma que o Hospital das Clínicas percorre: através dos internos dos residentes.

Até agora se formavam especialistas, aqui no Brasil, à custa de grande sacrifício pessoal, apreendendo-se pela mão do mais velho e mais antigo na profissão. Todavia a evolução da Medicina pede técnicas novas de formação de especialistas. A função das Faculdades é formar clínicos, que são mais policlínicos e que devem atender a grandes massas de clientes, disseminadas por todo esse Brasil.

O médico recém-formado sabe um pouco de cada coisa, naturalmente de modo limitado. Assim da Otorrinolaringologia sabe

dar pinceladas, receitar sulfá a quem tem amigdalite e incisar um abscesso de amígdala; limpa um ouvido mas não intervém cirurgicamente. Quando é preciso cirurgia de Otorrinolaringologia encaminha o paciente para um colega da especialidade. Deve o clínico saber fazer contensão provisória de um membro fraturado, antes de encaminhar ao ortopedista; mas deve também saber fazer gesso em casos não complicados. Deve sobretudo saber avaliar até onde vai o risco de sua atuação para saber quando deve pedir socorro a um colega especialista, pois o interesse do doente deve sobreestimar ao de ambos.

O Dr. Puech ensinava Ortopedia a seus alunos, cuidando de ensinar antes de mais nada aos médicos gerais o que não devem fazer. Isso para não prejudicar a cura do doente, objeto máximo da Medicina.

Nessas condições, surgem "casos" e daí a campanha da Associação Paulista de Medicina, na questão de formação de especialistas.

Hoje o especialista é tudo: cuida de moléstias de senhora, crianças, partos sem dor, cirurgia e mais todas as especialidades.

A A.P.M. proibiu a publicação de cursos de especialização, não fundamentados, que na maior parte dos casos duraram 8 a 10 dias.

A Faculdade pode diminuir um ou dois anos do curso médico e substituir esse período por internato obrigatório.

Aliás a formação dos médicos nos Estados Unidos da America do Norte é muito interessante: lá, de modo geral, cada Estado tem sistema diferente, porque predomina o princípio da municipalidade, colocando-se pela importância em primeiro lugar o município, depois o estado e por último governo federal.

Em 3 a 4 anos, é dado o curso básico, que de passagem é melhor que o nosso. Quando no primeiro ano, o aluno não precisa de tanto estudo como aqui. No 3.º e 4.º anos vão ao Hospital receber prope-

dêutica, técnicas de diagnóstico e terapêutica, mas não tem responsabilidade. Fazem observações em grande quantidade, tal um empregado de escritório. E' a "clerkship". Fazem observações em todos os serviços. Formam-se médicos em 4 anos, pela Faculdade de Medicina.

Em alguns estados, muito raros, eles podem clinicar. Nos outros, é obrigado fazer um ano de internato. Depois está livre do curso médico, do ponto de vista de Faculdade de Medicina. O Internato é feito nos hospitais aprovados pelo Conselho de Ensino, que são diferentes dos Aprovados para Residência e dos Aprovados para Faculdade de Medicina, constando todos em um Índice. Após um ano o individuo é submetido a um exame na Comissão Estadual, constituída não pelos professores da Faculdade de Medicina, mas por elementos da Associação Médica Estadual, portanto é um órgão civil.

Após esse exame, seriam considerados aptos para exercício da profissão no estado.

Todavia esse individuo não é facultado ainda o direito de exercer uma determinada especialidade: Ginecologia, Cirurgia Geral ou Ortopedia e Traumatologia. O título de especialidade é obtido após residência, estágio hospitalar complementar, que varia de acordo com o estado e com a especialidade.

Para chegar a cirurgião geral, são necessários: um ano de internato, mais dois ou tres anos de Residência. Fazendo depois um ou dois anos de Residência para Ortopedia e Traumatologia, num determinado hospital, cirurgião geral está capacitado a exercer a especialidade de Cirurgia Ortopédica e Traumatológica. Como é obvio, para passar de uma especialidade para outra, o médico submete-se ao julgamento da Associação Nacional daquela especialidade. Então o título é reconhecido no país inteiro.

Outra questão é denominação Curso de Post-Graduação. (Post-graduate School). São cursos destinados aos médicos do interior, como existem na Associa-

ção Paulista de Medicina e nas nossas Escolas Médicas. São antes cursos de atualização de conhecimento, pois os médicos que mantêm maior contato com a literatura ou com a pesquisa vão contar as novidades aos médicos interioranos. Eu acho portanto que o nome certo devia ser Curso de Atualização de Conhecimentos. E é para isso que serve a Universidade tanto que essa função emana do seu conceito. O medico renovaria seu cabedal uma ou duas vezes por ano.

A proposito da autonomia das Universidades, podemos dizer que a reunião dos Magníficos Reitores, em São Paulo, trará muitos benefícios ao ensino médico. Por outro lado, já houve algum progresso: a Escola Paulista de Medicina já tem dois departamentos, de cirurgia e de medicina: O Hospital das Clínicas já uniu duas clínicas cirúrgicas. Todavia, cumpre ressaltar que todas as modificações do currículo dependem da aprovação do Ministro da Educação. Uma outra ideia que talvez vingue é a inclusão da Técnica Cirúrgica na Clínica Cirúrgica.

Com relação ao internato no Hospital das Clínicas, já está sendo estudado um plano para construir acomodações para 150 médicos ao lado do Hospital de Ortopedia e Traumatologia e na frente do Hospital da Clínica Psiquiátrica, portanto na confluência destes três majestosos edifícios, seria dedicado 60% para homens e 40% para moças.

3. Pertence o Hospital das Clínicas à Faculdade de Medicina, ou é autônomo e independente de sua orientação administrativa e científica?

O Hospital das Clínicas não é propriedade da Faculdade de Medicina, mas o é indiretamente. E' o Hospital das Clínicas uma autarquia, dirigida por professores da Faculdade, sendo o seu Diretor, Presidente do Conselho de Administração do Hospital das Clínicas. Assim nenhum profissional médico pode trabalhar no H. C. (Hospital das Clínicas), sem consentimento ou prévia consulta à Faculdade.

Quanto à questão das verbas, a do Hospital é mais ou menos duplo da que corresponde à Faculdade, vindo diretamente do Governo, ao passo que a da Faculdade provém da Universidade.

4. E' possível uma regulamentação para os acadêmicos estagiários no Hospitais das Clínicas? Pedimos uma ligeira sugestão.

Eu não tenho muito conhecimento sobre esta questão. Acho que os estudantes devem ter uma espécie de regimento para trabalho dentro do Hospital das Clínicas e determinadas funções que forem especificadas pela Faculdade de Medicina. O Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Medicina tem preferência para traçar normas de ensino aos estudantes de Medicina, mesmo no que se refere às suas atividades no Hospital. O Conselho do Hospital das Clínicas nada tem ver com os estudantes de Medicina. O nosso Conselho é apenas competente sobre assuntos referentes à administração hospitalar. Quem deve responder à sua pergunta é o Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Medicina.

Aviso: — O Dr. Odair Pedroso atende a quaisquer perguntas referentes a temas de sua alçada no período das 8,00 às 12,00 horas, no 5.º andar do H. C., onde se situa a Administração deste hospital.

## Ensino Médico

Reformas no ensino médico em nossa Faculdade muitas as houve. Não há dúvida que todas tenderam a melhorá-lo e algumas de fato o conseguiram.

No pequeno lapso de tempo de nossa permanência já presenciámos duas reformas: uma, em 1948, quando entramos na Faculdade e outra agora quando nos encontramos no fim do curso.

Da primeira pouco podemos falar, porque se ela nos atingiu em cheio, ela nos atingiu no início do curso, em uma fase em que não podíamos avaliar seus benefícios ou malefícios, embora a opinião dos alunos mais adiantados fosse favorável.

A segunda surge agora em que estamos findando o curso, não podendo portanto nos attingir, infelizmente.

E dizemos infelizmente porque trata-se de uma reforma de caráter bastante progressista e calcada em reflexões e conclusões de amplitude jamais alcançadas em nosso meio e que trará uma melhoria efetiva e louvável no ensino médico em nossa Faculdade.

E a colenda Congregação da Faculdade de Medicina está de parabéns, parabéns cremos desejados por todos os alunos, e parabéns desejados por um aluno situado no pináculo do curso médico, há apenas alguns meses de seu fim, tendo já quasi palmilhado todos os corredores da Faculdade, penetrado em todas as salas e sentado em todos os bancos; tendo já quasi ultrapassado todos os obstáculos e convivido com todos os professores e matérias do ensino em nossa Faculdade; tendo já conhecido

todos os responsáveis e encarregados da feitura de médicos em nossa Faculdade; agora já com uma visão mais ampla e mais segura, ainda como aluno e quasi já não mais como aluno.

Mas, em virtude desta posição em que nos encontramos, da qual vemos uma visão panorâmica de tudo, acrescida da posição de ainda aluno, é que nos atrevemos a dizer que esta não é, infelizmente também, a reforma ideal, necessária e possível.

E frizamos, possível!

O curso médico teórico-prático que é hoje dado em seis anos, deveria e pode ser dado em apenas quatro anos.

As aulas teóricas poderiam ser mais sintetizadas e nelas deveriam ser dadas as noções fundamentais, básicas, essenciais para o estofamento do aluno. Apenas isso. Não é preciso e não adianta dar minúcias e insistir em "filigranas". Nada resta que o básico e isto apenas é o que deveria ser dado.

Nas aulas práticas das várias especialidades o essencial a ser dado é a aproximação do doente, a anamnese, o exame físico, a interpretação dos vários sintomas e dos exames de laboratório.

O quinto e o sexto anos deveriam ser de internato obrigatório. Seria na verdade um semi-internato, já que o problema de acomodações para os 160 a 180 alunos-internos seria insolúvel atualmente.

E este semi-internato constaria do seguinte:

Durante o quinto ano ou primeiro de aluno-interno o horá-

rio seria de 8 da manhã às 6 da tarde, em que sob a forma de rodízio os alunos, divididos em turmas, frequentariam, sob a forma de estágio, durante um mês cada enfermaria do hospital, acompanhados pelos assistentes e residentes, sob a direção do professor da cadeira. Durante estes estágios, a critério do professor, poderiam ser dadas aulas teóricas-práticas. O critério de aprovação também seria instituído pelo professor.

O sexto ano, de internato obrigatório, já deveria ser remunerado e semelhante ao atual primeiro ano de internato do hospital, em que as várias especialidades são divididas em grupos fundamentais e os estágios de 4 enfermarias ou de 3 enfermarias e o Pronto Socorro são escolhidos pelos interessados, ou então a critério de uma comissão mixta de professores e alunos. O horário poderia ser semelhante ao atual, por períodos de 12 horas diários de permanência efetiva nas enfermarias ou no Pronto socorro, com um descanso semanal.

O critério de aprovação poderia ser semelhante ao do quinto ano, acrescido talvez da preparação de um trabalho científico, sob a orientação de um professor.

Terminado o sexto ano, ou segundo de internato obrigatório, o estagiário receberia o diploma de médico.

De posse desse diploma o médico poderia fazer o estágio voluntário de residente, durante um ou dois anos, em uma ou duas especialidades de sua escolha, semelhante à residência

JOSE VELENSCK

atual, durante o qual é prepararia, se o desejar sob a orientação do professor da cadeira, sua tese de doutoramento.

O médico-residente, embora voluntário, deveria ser remunerado de tal forma que atraísse maior número de médicos e condizente com sua posição de médico e com o custo de vida da época.

Cremos ter analisado de modo sucinto e prático um curso médico ideal e possível de ser realizado. Não há aqui fantasia, não há retórica. E cremos tão fácil de ser realizado, e principalmente agora com o novo regime que a reforma atual prevê.

Bastaria um passo a mais! Um ligeiro impulso apenas!

## CORRUPÇÃO

Quando, em sorrisos rasgados,  
Crianças cheias de vício,  
Mostram dentes que, coitados,  
Não conhecem dentifricio;  
Que de todo cariados,  
Nunca sorriram ao officio;

Quando, doentes, largados,  
Meninos já com pigarro  
Já de tão esfomeados  
Mascam pontas de cigarro.  
Ou frutos verdes furtados,  
E deglutem o catarro ;

Quando meninas criadas  
Lá nos cortiços infectos  
Que espalham nas calçadas  
Os seus imundos dejectos,  
Depois, desencaminhadas,  
Tornam-se entes abjectos;

Quando moços sem cultura,  
Sem trato, sem educação,  
Cujas chaga não tem cura  
Por se abrir no coração  
Vão marchando, sem mensura,  
Desde o vicio à perdição;

Quando vejo iracundo,  
Tais miserias com constância  
Dijundids pelo mundo;  
Com indefinivel ânsia  
Peço a Deus, num ai profundo,  
Que ampare a nossa infância!

Peço ao Todo-Poderoso,  
Que é o supremo Timoneiro,  
E nesse mar tormentoso  
Segurissimo veleiro,  
Que, deste mundo lodoso,  
Vurra o limo traçoceiro!

Theóphilo S. Reiff

# A volta do meu «eu»

Saltamos em frente a Faculdade: eu e meu «eu»; atravessamos o mais rápido possível a rua; o guarda-nosso conhecido nos cumprimentou; ficamos muito satisfeitos: eu e meu «eu». Ele vinha como convidado visitar este obelisco à ciência. Passamos pelo portãozinho, rumo à entrada principal. Ao chegarmos em frente à porta do teatro, meu «eu» fez menção entrar.

— «Não é aí, meu velho; hoje não tem SHOW, disse-lhe; esta entrada é do teatro da Faculdade; está eternamente fechada».

— «Está em reforma!»

— «Ele não precisa de reforma; Quem precisa de reforma é o espírito artístico dos colegas. Para nós, ele abre-se só uma vez por ano, no SHOW MEDICINA. De resto, é a «salaria» que usa. Tudo aqui é da Reitoria, apesar de não ter sido construído por ela: cadeiras, pianos, microfones, ar...»

— «Mas isto não foi construído pela Universidade?» inquiriu meu «eu».

— «Nem uma pedra. Isto é obra daquele bigodudo que está encima daquele pedestal». Disse apontando para a estátua de Arnaldo, enquanto nós dirigíamos para a entrada.

Penetramos pelos corredores suaves da Faculdade, dobramos à direita, rumo a uma escada lateral, para o corredor da Anatomia.

— «Quem é este camarada, olhando feio encima deste pedestal?»

— Caluda, velho. Fala baixo. Não se dirija assim nesses termos ao Prof. Bovero. Isto é o «chodô» do Locchi. Como ele diz, Bovero criou a Anatomia no Brasil.

— «Mas precisa olhar feio por causa disto?»

— «Isto é austeridade, vigilância, excesso de zelo».

— «Ah!»

— «Vamos descer por aqui, vem cá». Puxei-o pelo braço. «Anda mais depressa». Descemos.

No último degrau, um velhinho, sentado em cima de um monte de papel estendeu a mão suplicante.

— «Mendigo, aqui dentro?» Perguntou o meu «eu».

— «Este é «O BISTURI»: a cada aluno que passa ele pede uma colaboração por amor a sua tradição».

— «E eles dão?»

— «Xingam velho de coitado, dizem que não tem remédio, que vá para o diabo».

— «Mas foram vocês que o criaram para ter este direito de desprezá-lo?»

— «Não».

— «Então se ele já estava aí, vocês deviam conservá-lo pelo menos, se não puderem melhorar sua saúde».

Uma gritaria tremenda explodiu na barbearia. Meu «eu» saltou de lado, correu em direção ao Centro, como que fugindo ao barulho da barbearia. Mas... parou surpreso em frente de um cantor que de lá saia cantarolando «Traviata». Fui ao encontro de meu «eu», ele olhou-me raivoso. (Ele é muito sensível). Explodiu:

— «Eu já lhe disse que não gosto de ouvir políticos. Se foi para isso que você me trouxe aqui vamos embora».

— «Aquêle compartimento, disse-lhe, é a barbearia», o Lucas em vez de cantar «Barbeiro de Sevilha», faz com os barbeiros sevícias — Aquilo é bronca».

— «Puxa. O homem é de morte».

— «E' de corte, não de morte».

— «Que barulhada!»

— «Isto não é nada, aqui deveria haver ainda um rádio que nos pertencia, mas fizemos um grande favor, quebrando-o». E aponte para o lugar onde na sala-de-estar o rádio deveria ficar.

— «Mas vocês quebraram?»

— «Sim. Nós aqui quebramos tudo. É' uma questão ortopédica».

Meu «eu» suplicou-me:

— «Psin! Olhe aquêle cara feia, fazendo a lista telefônica».

— «Ele fica de cara feia, enquanto não rasga a lista. Vamos mandar fazer uma lista de zinco. São cousas de comadres. Não ligue».

— «Mas isto é crime» estourou meu «eu».

— «Crime é deixar o homem sofrer deste jeito».

— «Mas ele tem preferência pela lista só?»

— «Ele tem complexo. Acha que como a lista tem maior número de nomes...»

Fomos em direção ao bilhar, enquanto ouvimos uma voz responder ao telefone:

— «Não insista, senhorita. O Cinelli não está. Está operando».

— «Este Cinelli emboça?» perguntou-me.

— «Mais ou menos».

— «Que fila é essa?»

É' para jogar bilhar. Entre o turbilhão de vozes distinguimos uma que ditou: «Boa, Cinelli, embocou bem. Marca sete».

Enquanto assistíamos uma partida de tênis-de-mesa, convidei meu «eu» para almoçarmos juntos. Ele aceitou, pois ele gosta de arroz, feijão; eu não.

Fomos em direção ao bar. Um cartaz jazia tristonho, pregado vilmente na porta.

## «DEVEMOS CRIAR ATLETA(S)»

«Vocês são muito filantrópicos. Têm a Liga de Combate a Sífilis, a Tuberculose, ao Câncer; agora a Casa Maternal do atleta».

Atravessamos o corredor e entramos no bar. Meu «eu» soltou um grito, estremeceu atônito, paralizado. O que vimos não era verdade; não podia ser verdade. Todas as mesas do centro estavam dispostas em círculo e em redor sentavam-se: um enorme bife de gravata borboleta, durinho, arrogante como que desafiando a todos, gritava: «Eu tenho imunidade! Eu não tenho a culpa. Desafio a quem possa cortar as minhas palavras. Ela é a culpada», e apontava para uma senhorita esguia. «Ela é a única culpada, não me amoleceu. Vão amolar a ela». A pobre faca, de pé, tristonha, não encontrava palavras para se desculpar: «Ah! senhores. Os senhores, desculpem-me, mas estão enganados» dirigia-se a dois estômagos raquíticos, flácidos, mirrados, que mais pareciam cobra do distinto dos esculápios do que estômagos». Os senhores são médicos e porisso devem saber que eu mudei de sexo e não permito que me confundam: eu sou serrote não faca, mas assim mesmo corto. Os culpados, torno a insistir, são: aquêle cavalheiro de gravatinha e sua dentadura que é cariada». «Eu», gritou a dentadura, «sou nova em folha». Confesso que tenho 23 cáries, mas ainda possuo dois molares que mastigam pedra, mas não podem com esse senhor sem sal, este bifeinho atoa». «Bife é a vozozinha, aturei que o redator me o tivesse assim chamado um pouco acima para não atrapalhar a discussão, mas devo colocar-me em meu devido local: Eu sou caro e dos bons. Se os senhores sofrem de gastrite, azia, ou queixam-se de colite, a culpa é deles, desses feijões que tiveram a falta de educação de virem em bacias, tomando banhos, completamente nús»

Basta, gritou meu «eu», «Estou farto de tudo. Isto é casa de loucos. Vou-me embora».

«Vamos então pelo elevador. Você é convidado. Tem direitos».

No caminho para o próprio, conveniência a meu «eu» que nem tudo era mau, que tínhamos o consolo de estudar bastante; que tudo nos era facilitado.

Mas, junto ao elevador, havia um cartãozinho: «Não funciona»

Tentei ainda engabelá-lo, mas ele se desprendeu correndo.

Ainda o vi de longe, quando perguntava para um colega chamado Smull, onde ficava a SAÍDA. E a ciente resposta:

«Sai... da...».

WILIAN NICOLAU

## SiMULadas.

- 1) Quando o cirurgião abre a barriga do paciente depois não continua operação pode-se dizer que o cirurgião só fez uma "laparô" "la...parou"?
- 2) Os ingleses e americanos contra-ndicam o emprego do veritol porque dizem que torna pressão arterial "very...tall".
- 3) Dizem que o "Mesa" vai ficar com a "cadeira" de Cirurgia (para completar o mobiliário); ouvi isso há um "mes...a"...trás.
- 4) Observem que o barbeiro (parasita) foi santificado em espanhol por Cervantes; ele chamou de "San... Chu...pança.
- 5) Todo cardiologista conhece de cor...ação" dos cardiotônicos.
- 6) Disse o Malenkov que o Stalin está "mal...em...cova", mas o túmulo dele e... "sta...lin"...do.
- 1) Disse ainda que muita gente iria para a Sibéria, "si...Beria" subisse ao poder.
- 8) O Ono foi nomeado embaixador do Japão na ONU, mas ele vai ficar só até "Out...ono". Quando chegar o outono vão mostrar-lhe a porta dizer em inglês: "Out...Ono"!
- 9) Com « Janio teremos "por fim a paz" »?
- 10) De agora em diante os doutorandos que quebrarem a mão nos plantões do P. S. quando vierem trabalhar o Sylvio "barra-os".
- 11) O prédio da Psiquiatria depois de construído vai ser uma coisa "de louco"!
- 12) Vejam os inconvenientes duma operação oftalmológica: é feita "a olho", custa os "olhos" da cara e pagamento "à vista".
- 13) Um flegmão no pé não deveria chamar "fleg...pé"?
- 14) Quando o Dr. Venosa mede a pressão dum paciente e alguém pergunta a ele: Qual é a pressão, Venosa, ele responde: — Não sei porque só medi a pressão arterial.
- 15) Sabiam que "Trau...matô...Logia" e depois "Gastrô...enterô...Logia"?
- 16) Dentro de um século o astrônomo poderá dizer à namorada: — Eu vou "à...Mar...te".
- 17) Colega Assis, tente ser "assis...tente".
- 18) Quem visita Oftalmologia fica pensando: esse departamento é "ca...otico".
- 19) Se durante uma operação faltar um afastador o cirurgião pode utilizar anestesista como "afasta...dor"?

Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" conservá-lo, mesmo que se veja obrigado a suprimir o serviço de almoço, temporária ou definitivamente, sabido ser mais fácil o controle do movimento do balcão, e também mais lucrativo.

Em relação à Faculdade, o ideal seria a subvenção das funcionárias do bar, a seu cargo, ficando para se estudar, então, o aproveitamento destas em outras dependências da Faculdade, naqueles períodos de menor movimento do Bar.

Colaborem prezados colegas, pois as queixas de modo geral são devidas, mais do que à inépcia alheia, à nossa própria imperfeição.

Parabéns à gestão 1953 do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" e ao orientador do Bar pelo reequilíbrio desta instituição.

**Editora Guanabara**  
 Waissman-Koogan, Ltda.  
 Rua Barão de Itapetininga, 275 - 4.º andar Tel.: 33-4773 End. Telegráfico: "EDIGUA" S. Paulo VENDAS A PRAZO PREÇOS ESPECIAIS

# O nosso restaurante vai bem, finalmente

Onildo Benicio Rogano 5.º ano

Vamos mostrar aos nossos prezados colegas, neste artigo, as dificuldades, bem como os objetivos, do bar e restaurante de nossa agremiação, esboçando também uma ligeira síntese retrospectiva acerca deste útil departamento.

Até 1945-46, o bar era explorado por um particular, alheio ao nosso grêmio e à Faculdade. Foi quando, por motivo que não nos chegou ao conhecimento, a diretoria da Faculdade de Medicina resolveu assumir direção do bar, passando o ativo e passivo para si, à semelhança de herdeiro universal. Durante dois anos, teve apenas dissabores e prejuízos, cada vez mais acentuados, que orçaram em 1947, em cem mil cruzeiros.

Nesse ano, o "Centro Acadêmico Oswaldo Cruz", através seus diretores, que bem de perto sentiam o problema, quis colaborar com a Diretoria da Faculdade de Medicina para a reorganização, o que não conseguiu, não por deixar de apresentar sugestões úteis, mas sim pela falta de compreensão dos orientadores de então, nomeados pela Diretoria da Faculdade.

Como se agravasse situação financeira, foi resolvido entregar a caixa de Pandora para um particular. Neste momento, o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", altamente imbuído do desejo de por cobro a novos desastres, que sempre redundaram em prejuízo de nós, os estudantes de Medicina, principalmente, se opôs formalmente contra a concessão; e por convênio passou a dirigir este serviço a título precário no ano de 1949.

Reorganizaram-se distribuição de tarefas, as compras, o controle do material e a fiscalização de fichas no balcão.

Manteve-se assim, sob orientação do C. A. O. C., durante dois anos, e mesmo mantendo os preços que vigoravam sob a direção da Faculdade, conseguiu-se equilibrar movimento financeiro deste móvel departamento do Centro.

O C. A. O. C., todos os anos, nomeava uma comissão de acadêmicos encarregada da gestão desse departamento, cujos membros trabalhavam título gracioso.

Entretanto a do ano passado foi sumamente infeliz, resultando disso nova degringolada. Em fins de março de 1953, o C. A. O. C., desesperado com os insucessos da gestão 1952, cuja comissão foi remunerada em caráter excepcional, entregou o bar a um particular.

Este, ao cabo de poucos dias, que não formaram uma semana, assombrado com a desorganização e a perspectiva de maiores prejuízos, abandonou a empresa, que lhe foi praticamente entregue de graça, porquanto as condições eram as seguintes:

1) exploração do bar e restaurante, reservando-se ao Centro tão somente 10% do lucro, se houvesse;

2) obrigação do Centro em pagar as dívidas anteriores, que orçavam em Cr\$ 70.000,00.

Então, dentro do recinto do bar, nada funcionava: geladeira, o relógio, o filtro d'água, o gás; havia falta de material, como cadeiras, mesas, toalhas, etc. Um caos.

Situação desesperadora! Só então Diretoria do C. A. O. C. lembrou de serviços prestados anteriormente por acadêmicos de Medicina, com

sucesso, nessa secção ao Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz". Foi solicitado o auxílio um dos componentes daquela comissão, qual concordando, retornou às funções de orientador desse departamento, como outrora, sem qualquer remuneração.

Reproduzindo o que foi feito em 1949-1950, novamente se conseguiu o reajustamento financeiro e administrativo do bar, justamente numa época, que tão bem conhecemos, de elevação diária e sensível dos gêneros.

Encerremos este histórico. Falemos agora do que deve ser feito em benefício do Bar, instituição dedicada única e exclusivamente aos interesses dos estudantes de Medicina, acessoriamente aos funcionários da Faculdade e das alunas da Faculdade de Higiene.

O Bar é presentemente uma secção do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", dirigida sob sua responsabilidade, destinada a promover alimentação sadia, suficiente e módica ao estudante de Medicina, não visando lucro.

Compete aqui explicar que o lucro porventura entrevisto no comércio do balcão é destinado a cobrir o prejuízo, que quase rotineiramente se verifica no tocante ao serviço de refeições.

Outro tópico é a comparação que se estabelece usualmente entre o bar do CAOC e outros bares, quer de outros grêmios universitários, quer da cidade, que é falsa por várias razões.

Isto porque, ao que sabemos, os outros centros estudantis conseguem uma subvenção suficiente e auxílios vários, quer das respectivas diretorias das Faculdades, quer de Secretarias do Governo, como a

pé, tristonha, não encontrava palavras para se desculpar: «Ah! senhores. Os senhores, desculpem-me, mas estão enganados» dirigia-se a dois estômagos raquíticos, flácidos, mirrados, que mais pareciam cobra do distinto dos esculápios do que estômagos». Os senhores são médicos e porisso devem saber que eu mudei de sexo e não permito que me confundam: eu sou serrote não faca, mas assim mesmo corto. Os culpados, torno a insistir, são: aquêle cavalheiro de gravatinha e sua dentadura que é cariada». «Eu», gritou a dentadura, «sou nova em folha». Confesso que tenho 23 cáries, mas ainda possuo dois molares que mastigam pedra, mas não podem com esse senhor sem sal, este bifeinho atoa». «Bife é a vozozinha, aturei que o redator me o tivesse assim chamado um pouco acima para não atrapalhar a discussão, mas devo colocar-me em meu devido local: Eu sou caro e dos bons. Se os senhores sofrem de gastrite, azia, ou queixam-se de colite, a culpa é deles, desses feijões que tiveram a falta de educação de virem em bacias, tomando banhos, completamente nús»

Basta, gritou meu «eu», «Estou farto de tudo. Isto é casa de loucos. Vou-me embora».

«Vamos então pelo elevador. Você é convidado. Tem direitos».

No caminho para o próprio, conveniência a meu «eu» que nem tudo era mau, que tínhamos o consolo de estudar bastante; que tudo nos era facilitado.

Mas, junto ao elevador, havia um cartãozinho: «Não funciona»

Tentei ainda engabelá-lo, mas ele se desprendeu correndo.

Ainda o vi de longe, quando perguntava para um colega chamado Smull, onde ficava a SAÍDA. E a ciente resposta:

«Sai... da...».

**LIGA DE COMBATE A SIFILIS**

Foi fundada há mais de três décadas, sendo mantida pela cooperação inquebrantável dos acadêmicos de nossa faculdade. Já tratou de mais de 40.000 doentes, com magníficos resultados.

Funciona em dois postos, sendo um anexo à Santa Casa de Misericórdia, atendendo aos domingos e outro à Rua Teodoro Sampaio, n.º 281, diariamente no período da tarde.

Recebem estes postos para tratamento e profilaxia da Sífilis doentes enviados por todos os estabelecimentos de assistência médica gratuita da capital.

Os acadêmicos trabalham gratuitamente, sendo a Liga mantida com os fundos auferidos do Baile dos Calouros, da Noite de Maio e demais fontes de renda, como Curso "Oswaldo Cruz", que é preparatório para ingresso à Faculdade de Medicina, situado à rua Teodoro Sampaio, n.º 281.

A magnitude dos serviços prestados equipara-se aos dos dispensários do Serviço Sanitário do Estado. Basta observar que no período-1931-35, foram matriculados 5.966 doentes na Liga de Combate à Sífilis, o que representa a porcentagem de 62%, relativamente ao serviço oficial. A Liga recebe também subsídios do governo e de alguns laboratórios, os quais para que esta instituição se projete no crédito e na admiração do povo paulista.

**BONS PROFESSORES**

*José Velensck*

Não consideraremos aqui o que é evidente por si, naquilo que diz respeito a que um bom professor deve possuir conhecimento exato da matéria de sua cátedra, no referente ao passado e ao presente, principalmente dos conceitos mais modernos.

Não consideraremos também aqui se um bom professor é aquele que faz escola ou não.

Sómente teremos em vista aqui as relações entre professor e ensino, entre professor e aluno.

E, portanto, **BOM PROFESSOR.**

*E' aquele que em suas aulas teóricas dá, de modo sintético e preciso, o essencial ao conhecimento do aluno e apenas sugere o que não é essencial, os prodromos dos conhecimentos atuais, e o que o aluno deveria saber se se dedicar à especialidade;*

*E' aquele que mede sua capacidade em relação ao ensino aos alunos pelo barômetro infalível da frequência livre, sem se utilizar do subterfúgio do rótulo: aulas teórico-práticas;*

*E' aquele que é bom didata, ou não o sendo se esforça por sê-lo, preparando suas aulas anteriormente, com critério e carinho;*

*E' aquele que se interessa pelo ensino e pelos alunos, escolhendo preparando criteriosamente seus assistentes e controlando as aulas teórico-práticas destes;*

*E' aquele que consulta seus assistentes e principalmente seus alunos sobre o curso e explica porque suas sugestões e suas pretensões não são atendidas, e atende as que vêm para a melhoria do ensino;*

*E' aquele que consulta seus assistentes, e também os alunos, sobre o grau de aproveitamento destes e modifica e melhora as condições de ensino em caso de máus resultados;*

*E' aquele que fornece meios e condições oportuna para os alunos estudarem e progredirem;*

*E' aquele que antes das provas parciais e finais examina cuidadosamente seus alunos, constatando suas falhas e estimulando-os ao estudo para saná-las;*

*E um professor que preenche apenas estas qualidades já é um muito bom professor.*

**PORQUE SERÁ ?**

Que a turma faltou tanto na Histologia? E tão pouco na Micro?

Que a Tezouraria do CAOC anda sempre na "pindura"?

Que é tão duro ganhar a Mac-Med ?

**CURSO "OSWALDO CRUZ"**

**CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"**  
da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Preparatório aos exames Vestibulares de Medicina

RUA TEODORO SAMPAIO, 281 —:o:— SÃO PAULO

RESUMO DOS BALANÇOS DO CURSO OSWALDO CRUZ  
ABRIL DE 1952 A FEVEREIRO DE 1953

DIRETOR: LEÃO JOÃO POUZA MACHADO

RESUMO DOS BALANÇOS DO CURSO OSWALDO CRUZ  
referentes aos períodos de abril de 1952 a fevereiro de 1953

**ABRIL**

Arrecadação .....	Cr\$ 117.700,00	
Despesas:		
Dividas de anos anteriores ...	Cr\$ 68.247,70	
Professores e funcionarios ...	29.550,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	5.298,90	
	<hr/>	
	Cr\$ 111.144,60	Cr\$ 111.144,60
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 6.555,40

**MAIO**

Arrecadação .....	Cr\$ 75.000,00	
Saldo de abril .....	Cr\$ 6.555,40	
	<hr/>	
	Cr\$ 81.555,40	Cr\$ 81.555,40
		<hr/>
Despesas		
Dividas de anos anteriores ...	Cr\$ 31.090,00	
Professores e funcionarios ...	36.350,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	1.678,60	
Propaganda .....	240,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 77.406,60	Cr\$ 77.406,60
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 4.148,80

**JUNHO**

Arrecadação .....	Cr\$ 55.200,00	
Saldo de maio .....	4.148,80	
	<hr/>	
	Cr\$ 59.348,80	Cr\$ 59.348,80
		<hr/>
Despesas		
Dividas de anos anteriores ...	Cr\$ 13.650,00	
Professores e funcionarios ...	32.600,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	356,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 54.654,00	Cr\$ 54.654,00
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 4.694,80

**JULHO**

Arrecadação .....	Cr\$ 69.150,00	
Saldo de Junho .....	4.694,80	
	<hr/>	
	Cr\$ 73.844,80	Cr\$ 73.844,80
		<hr/>
Despesas		
Dividas de anos anteriores ...	Cr\$ 7.492,00	
Professores e funcionarios ...	43.825,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	2.521,40	
Propaganda .....	7.480,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 69.366,40	Cr\$ 69.366,40
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 4.478,40

**AGOSTO**

Arrecadação .....	Cr\$ 72.855,70	
Saldo de julho .....	4.478,40	
	<hr/>	
	Cr\$ 77.334,10	Cr\$ 77.334,10
		<hr/>
Despesas		
Dividas de anos anteriores ...	Cr\$ 1.650,00	
Professores e funcionarios ...	44.000,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Propaganda .....	6.480,00	
Microscopios .....	14.080,00	
Material de consumo .....	1.698,70	
	<hr/>	
	Cr\$ 75.956,70	Cr\$ 75.956,70
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 1.377,40

**SETEMBRO**

Arrecadação .....	Cr\$ 75.275,00	
Saldo de agosto .....	1.377,40	
	<hr/>	
	Cr\$ 77.652,40	Cr\$ 77.652,40
		<hr/>
Despesas		
Professores e funcionarios ...	Cr\$ 45.500,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	629,00	
Contribuição ao C.A.O.C. ....	10.000,00	
Propaganda .....	900,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 65.077,00	Cr\$ 65.077,00
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 12.575,40

**OUTUBRO**

Arrecadação .....	Cr\$ 72.760,00	
Saldo de setembro .....	12.575,40	
	<hr/>	
	Cr\$ 85.335,40	Cr\$ 85.335,40
		<hr/>
Despesas		
Professores e funcionarios ...	Cr\$ 46.200,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	861,20	
Contribuição ao C.A.O.C. ....	10.000,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 65.109,20	Cr\$ 65.109,20
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 20.226,20

**NOVEMBRO**

Arrecadação .....	Cr\$ 49.110,00	
Saldo de outubro .....	20.226,20	
	<hr/>	
	Cr\$ 69.336,20	Cr\$ 69.336,20
		<hr/>
Despesas		
Professores e funcionarios ...	Cr\$ 40.225,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	831,70	
	<hr/>	
	Cr\$ 49.104,70	Cr\$ 49.104,70
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 20.231,50

**DEZEMBRO**

Arrecadação .....	Cr\$ 47.440,00	
Saldo de novembro .....	20.231,50	
	<hr/>	
	Cr\$ 67.671,50	Cr\$ 67.671,50
		<hr/>
Despesas		
Professores e funcionarios ...	Cr\$ 45.400,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	899,70	
	<hr/>	
	Cr\$ 54.347,70	Cr\$ 54.347,70
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 13.323,80

**JANEIRO DE 1953**

Arrecadação .....	Cr\$ 36.160,00	
Saldo de dezembro .....	13.323,80	
	<hr/>	
	Cr\$ 49.483,80	Cr\$ 49.483,80
		<hr/>
Despesas		
Professores e funcionarios ...	Cr\$ 28.700,00	
Aluguel .....	8.048,00	
Material de consumo .....	3.690,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 40.438,00	Cr\$ 40.438,00
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 9.045,80

**FEVEREIRO DE 1953**

Arrecadação .....	Cr\$ 950,00	
Saldo de janeiro .....	9.045,80	
	<hr/>	
	Cr\$ 9.995,80	Cr\$ 9.995,80
		<hr/>
Despesas		
Pagamento a funcionario ....	Cr\$ 1.500,00	
Contribuição ao C.A.O.C. ....	8.000,00	
	<hr/>	
	Cr\$ 9.500,00	Cr\$ 9.500,00
		<hr/>
	SALDO	Cr\$ 495,80

O ano letivo encerrou com um saldo de ... Cr\$ 495,80  
Nota: Os recibos e notas referentes as despesas assinaladas podem ser encontradas no arquivo da Secretaria do Curso.

Resumo Geral do Movimento de 1952  
Compreendido entre Abril de 1952 e fevereiro de 1953

ARRECADAÇÃO		DESPESAS	
ABRIL .....	Cr\$ 117.700,00	Dividas .....	Cr\$ 122.129,70
Maió .....	75.000,00	Pessoal .....	393.850,00
Junho .....	55.200,00	Aluguel .....	80.480,00
Julho .....	69.150,00	Material .....	18.465,26
Agosto .....	72.855,70	Propaganda ...	15.100,00
Setembro ...	76.275,00	Microscópio ..	14.080,00
Outubro .....	72.760,00	C.A.O.C. ....	28.000,00
Novembro ...	49.110,00	TOTAL .....	Cr\$ 672.104,90
Dezembro ...	47.440,00		
Janeiro .....	36.160,00		
Fevereiro ....	950,00		
TOTAL .....	Cr\$ 672.600,70		

SALDO EM FEVEREIRO DE 1953: Cr\$ 495,80  
(quatrocentos e noventa e cinco cruzeiros e oitenta centavos).

Leão João Pouza Machado  
Diretor

# OMAR KHAYYAM

O Rubáiyat é para o persa o que os Lusíadas para o português ou o D. Quixote para o espanhol. O monumento da língua. Exprime ele toda uma filosofia. Místico, profundo, reflete em seu ceticismo todo o sedentarismo persa. Tradusido em todas as línguas discutido por todos os homens.

Como? Apressar-se sem sequer perguntar: Onde?  
E apressar-se também sem perguntar: para onde  
Trazei agora o vinho, a proibida essência  
E de minha memória afaste esta insolência.

Omar Khayyam resume toda sua filosofia num horrível imediatismo. Para ele o passado o futuro não existiriam. Digo horrível porque julgo como deve ser drástico a uma pessoa viver entre quatro paredes de um dia sem horizontes para onde ir, sem caminho por onde veio sem vitórias sem fim.

Tuas cogitações, murmura a multidão.  
O ano redusirão melhor curso? Não.  
Um unico aviso somente o calendário deu  
O "Ontem" já se estinguiu e Amanhã não nasceu.

O Ontem já preparou este Hoje de loucura  
O Amanhã desespêro ou calma ou glória esconde?  
Bebe! Não sabes de onde vens porventura  
Saberás por que vais e saberás para onde?

Diz Omar que devemos aproveitar o momento, que procuremos a felicidade o gozo maior: mas poderá um homem ser feliz com todos estes pensamentos que ele canta?  
Fugitivo de sua personalidade é ele quem procura no vinho a fuga de si proprio. Este mergulho no êxtase na felicidade falsa do alcool é mais uma prova das tristezas que seus pesamentos encerram.

Aos meus labios levei esta ânfora de argila  
E o segredo da vida eu sonhei inquiri-la  
Bebe vinho! Aproveita a existência fugaz.  
Se morreres, não mais, nunca mais voltarás.

Tudo que este homem conta é: "Um pedaço de pão sobre a relva ensombrada, o livro de poesia a urna de vinho e a mulher amada"  
A vida diz:

E' uma tenda afinal onde um dia pousara  
Por uma hora, um Sultão à morte destinado  
O Sultão acordou eis que o Ferrash prepara  
A tenda obscura para outro convidado.

Quando houvermos um dia ultrapassado o véu  
Tudo continuará — a Terra, o Mar, o Céu  
Nossa chegada e despedida irá importar  
Como importa um cascalho a imensidão do mar.

De uma alegoria vigorosa e de uma força expressiva quase que Árabe, (de onde sofreu a influência) lança por cima do Criador a culpa de todos os defeitos e todas as imperfeições do homem. Tudo para Khayyam acontece porque assim Ele determinou. E' o Maktub oriental. Não acredita no imprevisto e portanto para ele o dia de amanhã já escrito é indúctil e predeterminado.

Dispõem o Eterno Escriba. E havendo escrito  
A folha virá após. E não há devoção  
Que risque uma palavra. E não há pranto aflito  
Que apague meia linha, Ah, todo choro é vão

Que somos nós enfim na partida insensata?  
Peões neste tabuleiro de noites dias  
No jogo Ele nos move põem em cheque e mata  
E ao estojo do Nada atira as pedras frias.

E foi assim Senhor que pusestes a armadilha  
Oculta nos caminhos que cada homem trilha  
Fazendo-o cair num mal predestinado  
E mais tarde imputar sua queda ao pecado?

Em seu livro dos vasos Kuza Nama Khayyam compara homem ao vaso  
Deus ao seu Oleiro.

Emudeceu. Depois de se ter silenciado  
Pos-se ouvir a vós de um vaso deformado  
"Eles zombam de mim por eu ser retorcido  
Oleiro, tua mão, ah! deve ter tremido.

Sarcasticamente zomba das pretensões humanas quanto à ciência e às letras. Desse modo apoiado em seu pensamento despreza tudo que os sábios poderiam dizer.

Porque as revelações dos pios extrados  
Cuja vós reboou com profético entono  
Foram histórias vãs que os homens despertados  
Iam contando aos seus entre um sono e outro sono.

Eu muito convivi no meu tempo passado  
Com os sábios do tempo, ouvi seus argumentos  
Sobre as cousas da vida; e apenas hei logrado  
Pela porta sair por onde havia entrado.

E' ele no entanto quem reconhece dualidade do espirito humano colocado entre o bem e o mal entre o pariso e o inferno:

Eu minha alma enviei pelo espaço sem fim  
Para um traço aprender do mistério do Além.  
Minha alma foi retornando mim  
E disse "E sou o Ceu como o inferno também.

WILIAN NICOLAU

# A viagem da vida

— Atenção jovens! A nave da Felicidade vai partir. Aproveitem e percorram nela toda a Vida.

Corramos, corramos, para não perder a mare. E se chejarmos tarde ao cais, construíamos um hotel, nossa nave de Felicidade para fazer a viagem da Vida. Não façamos como aquêlê casal... êste casal:  
A velha, em uma janela de hotel, olhando pra rua, falava sózinha, cansada:

— "Corriamos juntos, a cachoeira cantava, eu vivia para êle. Porque êle não está aqui?"

E pensava: porquê êle não está aqui? Ouvia seu próprio pensamento, sem som, sem timbre, chôcho: porque êle não está aqui...!

Em um momento de esperança, olhava para dentro desejando que êle se tivesse materializado no centro do quarto. Mas êle não tinha...

Monologava:  
— "Amor? não existe! Erro de infancia. Maldito engano, eu o amava! Como é que o perdi? Como é? Como?..."

Conheceram-se ainda crianças. Visinhos, brincavam juntos. Brigavam as vezes, com frequencia mesmo, mas gostavam-se muito. Não passavam um dia sem se ver. Até que se separaram. Ele foi-se da cidade com a familia.

Voltou um dia, já homem bastante para levá-la. Foi incisivo em suas primeiras palavras:

— "Meu bem eu quase morri de saudade. Vem comigo...?"

Casaram-se.  
Na lua mel, correram juntos, pelos campos, descalços, até cascata. Três metros de queda faziam agua tépida beijar seus corpos com apetitosa volupia. Viviam os dias, beijavam-se, tocavam-se os corpos em frenesim de amor. Viviam com alegria. Nada mais havia buscar.

A lua escondeu e voltaram à mediocridade de um dia depois do outro. Passaram a vida sempre juntos, em torpor, suavemente. Não sentiram os dias, os meses por que passaram. Trinta e dois anos depois, como num grito de alarma, despertaram em si. Sós um com outro. Velhos e já não se suportavam. Acusaram-se mutuamente de um crime que pertencia a ambos. Porque não construíram, com a energia de todos os momentos, com o momento artistico que deve ser criado e vivido com Felicidade, algo de duradouro, que fixasse, na velhice, êles agradecerem a vida.

Encurvado para a frente numa cadeira de rodas, com profundo cansaço, os cabelos em desalinho, a cabeça caída sobre o peito, êle falava, sózinho:

— "Já não tenho nada. Porque não tenho nada? "Meu" mundo não existe. Perdi minha vida. O que sei, logo, não saberei. Ela está aonde? Que felicidade eu guardei? Esta lição que vale, se vida é uma só? Eu não tenho nada. Por que? "Meu" mundo não existe, porque nao o criei... Estou só, perdi a Felicidade". E chorou, arrependido.

Alberto Maria

## TERRA RESSECADA

Chama de Deus, os olhos meus, removem a terra, e a semente lançada e fenecida reclama. Tú bárbara e cruel terra ressecada destruístes da glória o germe e levantastes o pó à minha cabeça como brado da impotência tua.

Tú rachastes aos pés meus, sedenta, como sedenta boca tragando as misérias que ainda sobre ti restaram.

Misérrima, teu seio nega-me água quando eu te ordeno que me sacie a sede.

Cruel terra ressecada nega-me sombra, descanso, sobre ti não vive vida, e nas entranhas tuas, dorme a desesperança.

Terra ressecada teu nome é humanidade!

WILIAN NICOLAU

## EXPRESSIONES DO BEM ESTAR

O sorriso, o riso e a risada.  
E até mesmo a gargalhada,  
Que a gente vê estampada,  
No ancião ou no guri  
São quatro expressões da gente  
Que se formam de repente  
E que guardam um bem patente  
Parentesco entre si

Mandou Deus (Que as pôs no rosto)  
Que não largassem o posto  
Ou o trocassem por gosto  
Com a Dôr, a Ira, a Fome...  
Amizade existiria,  
E cada qual ganharia  
Por apelido, alegria  
Bom humor, por sobrenome

Quando há sinceridade,  
O SORRISO é a bondade,  
E da vida a claridade,  
A áurora radiosa!  
O sorriso da donzela,  
Aviva a chama da vela,  
Lembra as cores da Aquarela  
Com que Deus pintou a rosa!

O RISO, sempre bem vindo,  
É a própria alma luzindo,  
O espírito sorrindo,  
De alegrias coberto;  
O Riso, tão delectante,  
É da alma o sol radiante  
Que embora tão distante,  
A gente sente bem perto!

E a RISADA, em verdade,  
Se de boa qualidade  
É fruto de bilariedade  
Só pode nos fazer bem  
Mas... a facil GARGALHADA  
Essa, sim, tenho-a trancada  
Não a aconselho a ninguém!...

THEÓPHILO S. REIFF

## ESPARSOS

E cada homem é uma gillhotina a espera de seu peçoço... W. N.

E ninguém concorda com o medo de que as palavras alheias estejam certas e venham imperar. W. N.

Dai sobre pedra mas não dai sobre corações, êles te esmagarão... W. N.

A justiça é cega... para os pobres... W. N.

Se acaso à tuas palavras não tivesse precedido teus cumprimentos, eu separaria a carne de teus ossos. (ARABE)

Montanhas a montanhas não se encontram, mas os homens sim. (ARABE)

Há pessoas que negam-se a comer o pão inteiro e não comem o pão quebrado e querem saciar a fome. (ARABE)

## NÃO PODES MORRER

Já viste a noite, gorgendo pássaros, e terminas?

Já viste as ondas, na praia longa, e se quebrar?

E o mar, longe, calmo sereno, e repousar?

Já viste na serra, o monte, a campina, o despenhadeiro do pata-mar?

Já viste a alma, estupefata, um pensamento belo analisar?

Já viste a tua sombra, na noite longa, ao caminhar?

Já viste meus olhos, espelho de luzes, e te mirar?

Se ainda não viste, não podes morrer, porque não viveste, és ainda espectro de mulher, a vegetar.

ALBERTO MARIA

# Companheiro

Traduzido e adaptado do "El Estudiante Libre", órgão da Associação dos Estudantes de Medicina do Uruguai

"Você sabe que o que você será depende fundamentalmente de você mesmo.

Que sua preparação técnica depende do que lhe proporciona nossa casa de estudos.

Que todo mal que se desenvolve nela e todo o problema que à mesma se apresenta, é um problema ou um assunto que atinge você e a todos os estudantes de Medicina.

Que por uma norma elementar de interesse social e seu próprio você deve encarar os problemas coletivos com o mesmo espírito com que enfrenta seus próprios problemas individuais: dedicando-se e empregando todas as suas energias em busca de soluções, realizadas logo na ação.

Portanto, companheiro, caso você se considere universitário consciente, forme a sua opinião, participe das discussões, exija o pronunciamento do seu Centro Acadêmico.

Porque, companheiro, seu destino não é só estudar e obter um título. NÃO! Seu dever é preocupar-se com a Faculdade, com os melhoramentos de nossa carreira médica, e trazer, na medida do possível, seu grão de areia na luta comum."

Se lá no Uruguai, onde as lutas e conquistas universitárias alcançaram um nível extraordinário, onde são os estudantes que conseguem autonomia de faculdades, demissão de professores e reitores indesejáveis, arrancar o Hospital das Clínicas à Faculdade, participam da direção de suas escolas com representantes no C. T. A. e Reitoria, onde não temem publicar a verdade abertamente nas suas revistas, seja elogio franco, crítica amarga ou acusação grave a quem quer que seja, pois se lá, ainda acham oportuno lembrar os acadêmicos das suas obrigações mínimas e intrínsecas da sua condição de indivíduos esclarecidos e capazes, que diremos nós, que temos por maior manifestação a Mac-Med, o Show e o trote...?

WILLY KENZLER

## FINALIDADES DO HOSPITAL MODERNO

As finalidades do hospital moderno são quatro:

- 1) Prestar assistência às pessoas atingidas por moléstias ou deformidades, às acidentadas e aos portadores de perturbações tais, que possam ser remediadas por serviços e tratamentos hospitalares;
- 2) Servir de campo para o ensino da Medicina, da Enfermagem, da Técnica auxiliar de Medicina e da Enfermagem;
- 3) Proporcionar meios para o desenvolvimento da pesquisa científica;
- 4) Contribuir para a educação sanitária do povo.

O Hospital que não preenche estas finalidades não se pode ser considerado moderno e nem de alto padrão.

In «Boletim H. C.

São Paulo, 22 de Agosto de 1953

— N.º 254

## POSTO DE SERVIÇO "REBOUÇAS"

— DE —

MONVAL BONAZZI e LUIZ BONAZZI  
Revendedores dos "PRODUTOS SHELL"  
Homenagem ao Centro Acadêmico "OSWALDO CRUZ",  
pelo transcurso de seu 40.º aniversário.  
Avenida Rebouças n.º 113

# Adeus Professor Briquet

Faleceu o professor Raul Briquet. A Medicina perdeu um de seus maiores vultos, que durante longos anos, pelo seu saber sua cultura, seus dotes pessoais, mereceu o respeito e a admiração de toda a Classe Médica.

Habitados ao seu convívio paternal, às suas inúmeras qualidades como mestre devotado, nunca poupou esforços em prol de seus discípulos, mesmo quando insidiosa doença minava lentamente suas forças, aos seus ensinamentos, ao exemplo de desvelo ao paciente, os seus alunos sentiram mais profundamente o rude golpe desferido pelo destino.

Era natural de Limeira, onde nasceu em 1887. Fez seus estudos no Instituto de Ciências de S. Paulo e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, além de inúmeros cursos e estágios nos principais centros culturais e hospitalares da Europa e dos Estados Unidos. Além de professor catedrático da Clínica Obstétrica e Puericultura Neonatal da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, foi professor fundador da cadeira de Psicologia Social da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, professor de Educação Nacional nessa Escola, diretor do Curso de Enfermagem Obstétrica da Faculdade de Medicina. Foi ainda o professor Briquet membro da Academia Paulista de Letras; membro emérito da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, da Asso-

ciação Paulista de Medicina, da Sociedade Paulista da História da Medicina, do Colégio Brasileiro dos Cirurgiões, membro-honorário da Sociedade Brasileira de Ginecologia, ex-presidente do II Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia, membro-honorário da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia de Buenos Aires, correspondente da Associação Médica Argentina, membro honorário do Ateneu de História de Medicina de Buenos Aires, membro-honorário da Sociedade Gineco-Tológica de Montevideu, do P. E. N. Club do Brasil; medalha de guerra, medalha "Rui Barbosa", do Ministério de Educação e Saúde, membro correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, presidente da comissão estadual do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura. Deixou inúmeras obras, dentre as quais "Obstetrícia Operatória", "Obstetrícia Normal", "Maternidade Universitária de S. Paulo", em colaboração com Rino Levi, "Patologia da Gestação", "Psicologia Social", "Palestras e conferências", "História da Educação.

Foi ainda autor de inúmeras publicações em revistas nacionais e estrangeiras de Ginecologia e Obstetrícia.

A morte, com mão inexorável, não permitiu que seu maior desejo fosse realizado: a Maternidade Universidade de São Paulo.

Mas o esforço de toda uma vida dedicada à arte de Hipócrates, não permanecerá sem o justo prêmio.

Professor: Seus discípulos e amigos tudo farão para que este seu sonho em breve se concretize.

Odorino Breda Filho  
Onildo Benício Rogano  
Roberto Luiz Nogueira

## DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL

Dirigido pelo acadêmico Roberto D'Alessandro. Este Departamento trata das relações do estudante de medicina para com a sociedade, bem como de todas as campanhas de caráter medico-social e do entrosamento do estudante com os problemas da socialização da Medicina. Colabora com as demais seções do centro e com a Secretaria de Saúde e Assistência Social na organização de caravanas de divulgação de princípios sanitários destinadas ao interior.

Outro aspecto encarado pelo Departamento é a recuperação dos cardíacos recém-egressos do Hospital das Clínicas, onde se destaca a atividade do acadêmico Kurtz, campanha esta que está sendo atualmente reavivada. Em futuro bem próximo pretende Departamento fazer diversas conferências, para as quais serão convidadas as pessoas que estejam mais a par do que representa Socialização da Medicina no Brasil.

## O cinema como forma coletiva de cultura

O cinema pode e deve ser considerado como tal. É realmente um elemento de cultura que de um modo "mais completo", mais exaltante e mais vivo" concorre para a aquisição humanística da cultura.

É mais exaltante e mais vivo principalmente pela diversidade de planos, movimentos de câmera, que dão a qualquer objeto focalizado a realidade do cotidiano. As expressões fisionômicas que aparecem na tela nos sugerem e nos fazem pensar muito mais sobre o homem, daquele mesmo homem que vemos diariamente e com o qual convivemos, e do qual frequentemente desconhecemos a alma. Neste particular, o grande privilégio do cinema: o de apresentar a figura do homem nos seus movimentos em busca de algo, nas suas atitudes quando só ou em grupo.

O cinema é fator de cultura porque pode concorrer para a formação moral e espiritual do povo, quando ele traz uma mensagem de solidariedade, de renúncia, de dedicação, etc.

O cinema é arte. No entanto, o seu início marca o aparecimento de uma técnica: a técnica de registrar imagens em movimento, quando os irmãos Lumière, na França, em 1895 apresentaram o cine-

matógrafo, que nada mais era do que a máquina de obter fotografias animadas. A ilusão do movimento era dada pela propriedade fisiológica da visão: retenção da imagem durante um certo tempo na retina. A câmera sempre parada registrava imagens: saída dos operários de uma fábrica, chegada de um trem, etc.

Assim é que os primeiros filmes foram meros documentários.

Em seguida o cinema passou a "filmar" as representações teatrais; isto elevou o cinema a uma categoria artística se bem que de conteúdo e não de forma. Nesta época o cinema estava a serviço da arte teatral.

Com o sonoro a técnica se aperfeiçoava. Mas deste ponto a tornar-se uma arte era necessário que o cinema dispusesse de expressão própria, poder de criação, linguagem típica, que tivesse em suma os requisitos de uma verdadeira obra de arte.

Historicamente o primeiro diretor que usou essa forma própria do cinema foi Griffith que em 1908 introduziu grandes modificações novas aquisições para o cinema:

A Câmara deveria se movimentar: um rosto, um trecho do rosto, as mãos, eram focalizados de perto.

Eram modificações inteiramente revolucionárias na história do cinema até então.

O cinema já se emancipava do Teatro. Em seguida o cinema venceu o espaço e o tempo quando Griffith "cortou" uma cena, introduzindo uma outra de um lugar mais distante. Ex: o rosto da esposa esperando pelo marido e em seguida a tomada do marido numa ilha distante e deserta.

Surgia no cinema o "corte".

Nessa época o cinema já contava com grandes processos próprios que o tornavam independente e que o transformavam de técnica que era inicialmente numa arte com grandes possibilidades.

A máquina ainda era a mesma, mas não era mais o expectador que via, era a câmera livre solta que ativamente via de maneira e posições as mais diversas.

Passava então o cinema daquilo que o expectador via para aquilo que o diretor queria através de todos os meios: movimentos dos câmera, angulo (de fotografia) e toda uma técnica que já se tornava própria do cinema, isto é, de arte cinematográfica.

Mas se tudo isto é verdadeiro, se ainda como diz Henry; o cinema é "Arte ainda nova mas já fecunda" não é menos verdadeiro que, o nosso público de um modo geral não aprendeu ainda a avaliar o cinema e a apreciar os filmes pelo que eles tem de real valor.

E é contra essa "passividade e docilidade desprovida de senso crítico" que os

atuais movimentos para estudo do cinema querem se insurgir.

Haja visto que para o curso sobre cinema organizado pelo cadeira de Psiquiatria da Faculdade, foram solicitadas até agora duas turmas com número de inscrições acima da lotação e pedido para uma nova turma.

O estudo da influência psicológica se tem uma parte do estudo, é de grande importância quando levamos em conta o peso da influência que exercem sobre os sentidos do homem: o encadeamento, movimentação das imagens, modificações de luz, a música, as expressões, o enredo, o ambiente próprio de sala de semi-obscuridade e finalmente a mensagem ou simplesmente a "moral da história".

No entanto se o homem conhecer a magia cinematográfica, souber avaliar o valor estético do filme e for capaz de perceber e julgar a mensagem do diretor então ele poderá realmente aproveitar de um modo positivo, do cinema para a sua cultura individual e coletiva quando em relação ao seu grupo.

Como perceber a mensagem do diretor? Isto é realmente difícil hoje, porque nós nos conformamos em conhecer apenas os artistas, seu desempenho, as suas aptidões para este ou aquele papel.

Porque nós nos contentamos em guardar o fundo musical do filme... sem nos interessar pela história do diretor, sem sequer conhecer o nome do diretor; sim, realmente os atores não tem o valor determinante do filme, porque cinema não é teatro. Tanto isto é verdade que o cinema moderno tem conseguido êxito com atores tirados do povo, sem nenhum conhecimento de arte.

E não foi o cinema dos nossos dias que lançou mão dessa novidade, Einsentein em 1925 contratou o próprio povo como elenco do "Couraçado Potemkin".

Seria preciso que nós procurássemos conhecer um pouco da história do cinema (que aliás é curta: 1895 até hoje), os seus primeiros diretores, suas idéias, suas concepções de cinema, seus argumentos enfim.

Procurando assim, na crítica de um filme, centralizar o diretor e produtor. Considerando é claro, as grandes empresas cinematográficas que amarraram o diretor, industrializando o cinema, limitando-se a "encomendar filmes" para os expectadores, esquecendo-se de que deveriam fazer filmes que elevassem o expectador à arte.

Se crescer o número dessas companhias que visam agradar o público qualquer que ele seja, contanto que seja maior público e que portanto seja grande êxito de bilheteria então o cinema de desvirtuiza no início de sua carreira, se corrompe, deixa de ser Arte e se converte então para um público cego e ignorante em apenas "divertimento", ópio, fuga à realidade, deixando de ser como o deveria: "um modo de expressão plástica e um modo de investigação intelectual".

Maria José Machado

### Moura Brasil - ORLANDO RANGEL - Farmabraz

COMPANHIA PAULISTA DE REPRESENTAÇÕES  
Rua Marquês de Itú, 96 - Fone: 36-4334

Nome e apresentação	Composição e modo de usar	Indicações terapêuticas
<b>PEPSICAP</b> Estojo com tubos de 24,48 e 480 enterocaps de dupla etapa de desintegração.	Pepsina 100 mg. Novotropina 0,001 g. Sais biliares 80 mg. Pancreatina 150 mg. Duas enterocaps três vezes ao dia de preferência depois das principais refeições	Dispepsias Nauseas Vômitos Eructação Flatulencia Hipoquilia Gastrica Discinesias Biliares Estados Carenciais
<b>NEO-GORGESAN</b> Líquido: Vidros de 100 cm3 Pastilhas: Tubos com 12	Líquido - Gargarejo antisséptico contendo tirotricina. Para a higiene e desinfecção da boca e como colutório. Pastilhas, contendo tirotricina e benzocaína.	Tratamento das infecções da boca e garganta. Indicado como profilático das infecções depois das extrações alveolodentárias.
<b>NEO-RINOSAN</b> Vidros de 20 cm3	Tirotricina e cloridrato de desoxiefedrina Instalações nasais, pulverizações e tamponamentos, de acordo com a prescrição médica.	Tratamento das rinofarngites e suas manifestações. Resfriado comum. Sinusites.
<b>SINALGAN</b> 5-10-20-50-100 cc.	Solução de Novocaina a 1 por cento em Ringer modificado com ou sem adrenalina.	Anestesia regional.

### LIVRARIA MÉDICA

Chefe de Vendas

### Vicente Lofiego Sobrinho

Rua São Bento, 329 9.º and. S. 96 Fone: 35-1451  
HOSPITAL DAS CLINICAS - 4.º andar



## "ESPORTE E VIDA"

O esporte é para os folgados, é luxo, é divertimento, é farras. As competições são loucuras da mocidade, são prejudiciais, anti-fisiológicas..." Com certeza você, meu amigo, já ouviu comentários desse gênero, se é que não os fez.

Mas você também ouviu falar, e são as mesmas pessoas, das virtudes do método, da constância na luta por um objetivo, no estudo para prestar um exame, p. ex. Falamos também em "lutar pela vida", em trabalhar exaustivamente, em "dar tudo" para vencer.

E você também sabe que nem sempre vencem, que um 1.º fracasso leva a um desânimo irreversível, que uma primeira vitória lhes confere "um não sei que" inibidor de todo progresso futuro, quando não é uma falta de confiança em sua capacidade, e mesmo falta de resistência física que os faz marcar passo no caminho da vida.

E o Esporte com isso? Ora, Esporte só se escreve com letra maiúscula quando é praticado continuamente e metódicamente, isto é, quando se treina com orientação e visão. E como por a prova a sua capacidade, como avaliar seu progresso, senão numa competição?

Praticar esporte, no sentido verdadeiro do termo, e não competir, é preparar um discurso e não pronunciá-lo, é estudar Medicina e não exercê-la, pois o treino é um estudo, é observação, aprendizado com orientação e amparo, mas a competição é a luta, ardua e individual, em

que não há professor para ratificar o diagnóstico e a terapêutica, é o combate em que se aprende a defender com firmeza, a atacar com lealdade a firmar o seu prestígio e personalidade, a reconhecer a sua fraqueza, a acatar a autoridade do juiz, a "forçar coração, nervos, músculos", a dar seja o que for que neles ainda existe" e a "tratar da mesma forma" a derrota e a vitória.

E ainda mais: aprende-se a representar uma entidade, a do emblema da camiseta ou do maiô, e a subordinar o interesse individual, de jogar ou nadar desta ou daquela forma, ao interesse comum: representa o melhor possível as suas cores.

Enfim, a nossa carreira apresenta duas etapas fundamentais e sucessivas: a escola e a "vida prática", perfeitamente comparáveis aos dois componentes elementares de que o Esporte lança mão para alcançar suas finalidades: treino e competição.

E no entanto... quantos dos 500 futuros médicos, guardas da saúde alheia, alunos de nossa Faculdade, que diariamente passam juntinho à praça de esportes inteirinha à sua disposição, encontram 2 ou 3 horas por semana para cuidar da sua própria saúde, do seu aperfeiçoamento físico e espiritual através do esporte? Todos nós sabemos que são relativamente poucos, relativamente ao número, e a sua qualidade de acadêmicos de medicina.

WILLY

## O Duelo SIMUL...tâneo contra os 3 mosquiteiros

(Lembrando meu exame final de Parasitologia)

A cena passa em 15 de Dezembro de 1950. O nosso Dartagnan está um pouco preocupado, sabendo que terá que cruzar ferros com os tres mosquiteiros ao mesmo tempo. O encontro foi marcado para 1: horas atrás da biblioteca. Ele porem tem grandes esperanças de ser bem sucedido neste encontro "final" porque preparou-se bastante para duelo e passou a ultima noite em claro treinando.

A hora marcada Dartagnan comparece ao local preparado em forma. Surgem então os mosquiteiros que vão tomando posição: o primeiro encosta numa "pereira", segundo numa "oliveira"; trata-se apenas de um resto de "oliveira" cortada, da qual sobrou só um pequeno coto, ou seja, um "cotinho".

Aproxima-se em seguida o padrinho dos mosquiteiros que é um frade: o "frei...Tas"; ele se dirige ao alto da "pedreira" proxima de onde acompanhará o desenvolver do duelo.

Chega finalmente mosquiteiro-chefe que se aproxima garboso e imponente. O "frei...Tas" como faz habitualmente toca o sino à passagem do mestre; este ultimo prefere permanecer à esquerda.

Observando bem o mestre recém-chegado, pela cor da florzinha que ele traz na lapela Dartagnan descobre que se trata do famoso Pimpinela "Escarlate" em "pessoa". Diante desta surpresa ele não crê nos olhos procura "ver...melhor", confirma-se porem e surge uma nova duvida: Porque estará ele usando um elmo que pare... "ça...moel"...a?

Os mosquiteiros desembainham as armas e apresentam ao nosso Dartagnan as tres laminas reluzentes; eles tem "para...si...to"...das as chances de vitoria. Dartagnan examina com certa preocupação as tres laminas enigmaticas, procurando

decifra-las. Pensa ele: poderei enfrentá-las? Que resultará disso?

O mestre dá o sinal: quando ele bate no chão com o "pé...soa" a hora do ataque. Dartagnan fica perturbado logo no inicio da pugna aos primeiros golpes diante das numerosas surpresas que vão aparecendo sucessivamente. São bastante estranhas e inesperadas as armas dos seus adversarios: escudos em forma de azas de mosquito, espadas e sabres em forma de trombas de mosquito. Fica então claro porque eles se dizem mosquiteiros.

Não é possível enfrentar estas armas, pensa Dartagnan; está certo que aos mosquiteiros caiba direito de escolha de armas, mas contra estas de que adiantou todo meu longo treino? Vendo esta aflição estampada na face do nosso Dartagnan os tres mosquiteiros se põe a rir e gracejar em tom zombeteiro; Dartagnan fica indignado contra esta atitude pouco cavalheiresca.

Ele investe contra mosquiteiro da "pereira", mas recebe uma forte "tromba"...da e cae por terra obnubilado; rola sobre a "pedreira" ferindo-se com numerosos "cortinhos" e ao erguer-se conclue: Como é "mau...ro"...lar! Procura então examinar arma em forma de tromba que lhe causou queda. As seguintes indagações impostas pelos mosquiteiros vem atormentá-lo: Como é constituída a tromba do mosquit...eiro? O que envolve a tromba do mosquit...eiro? Ele se vê então em palpos de mosquito (não de aranha). Mediante um exame detalhado nota que se trata do cachimbo do mosquiteiro da "pereira" envolvido por uma camada de fumaça que o obnubilou.

Durante todo esse tempo o mosquiteiro junto ao "cotinho" de "oliveira" não faz outra coisa senão "só...rir" em tom de desprezo; ele sorri, sorri, sorri sempre. Neste lindo sorriso ele exhibe os dentes; Dartagnan consegue ver 10 dentes e conclue: o sorriso desse mosquiteiro mostra trata-se de um indivíduo "deca...dente". Observando salvação abundante através do sorriso surge-lhe outra pergunta torturante para a qual ele não encontra resposta: quantas glandulas salivares tem o "mosquit...eiro"? Ao mesmo tempo que ri ele desloca a cabeça para trás lentamente parecendo "Rhizo"...poda. Em virtude dessa falta de agilidade que ele demonstra nos movimentos Dartagnan acha que este não é problema e imagina: o tal mosquiteirinho do "riso...podo" logo.

Dartagnan olha em seguida o padrinho "frei...Tas" e para o cumulo da surpresa ele também está armado: além de uma lima ele está empunhando um enorme "machado guerreiro" capaz de formar grandes "chagas". Isto é u... "m...achado" incrível, pensa Dartagnan, espero que ele não avance com estas armas, mas se dei... "xe...ño" lugar. Enfim, sendo ele um simples frade deve ser um "barbeiro" no manejo destas "armas".

O nosso Dartagnan volta-se novamente para o mestre dos mosquiteiros, fixando o olhar sobre seu escudo em aza de mosquito, de arquitetura complexa. Mais uma pergunta vem atormentá-lo imposta pelo mestre: Quantas nervuras tem a aza do mosquit...eiro? Não consegue responder e nesse estado de nervos...urra. Afim de esclarecer isto ele investe contra o mosquiteiro, mas é repellido pelo escudo em

aza; Dartagnan se convence: estou "aza"...rado!

Valerá a pena investir novamente contra mosquiteiro de cachimbo que está agora gracejar dizendo: — Aqui só temos uma aza de mosquito porque a outra o gato comeu (sic). Esse mosquiteiro parece muito engraçadinho, mas ele me pa... "ga...to"...dos esses gracejos "como...eu" espero, imagina Dartagnan. Será possível que o mosquiteiro da "pereira barre...to"...dos os ataques?

Dartagnan põe-se pensar com seus botões: a situação está negra! Será o Benedito? Ele invoca São Paulo (F.C.) Qual será procedência destas armas inesperadas? Recordar-se apenas que os mosquiteiros tiraram-nas da "algieira". Parece que pertencem ao ministério; sim, ao ministério das perguntas cretinas. Os mosquiteiros estão parasitando o referido ministério.

Não resta duvida que o nosso Dartagnan está derrotado nesta primeira etapa do duelo; ele sente-se moralmente abatido ridicularizado e humilhado pelos adversarios que não cessam de zombar. Deve fazer agora uma 2.a tentativa sem grandes esperanças: a chance na "2.a é...pouca"! Dependerá? De que adiantará novos esforços e treinos cansativos contra semelhantes armas? Além disso ninguém poderá prever que outras armas mais exquistas ainda serão utilizadas pelos mosquiteiros. Dartagnan recorda que já viu estes mosquiteiros no bar: tanto no "Bar...Eto", como no "Bar...Nesley".

Na 2.a porém para a felicidade do nosso Dartagnan "da-se...o" inesperado e não há chance para os mosquiteiros. Então diante dum duelo logico e "franco" tudo se resolve satisfatoriamente.

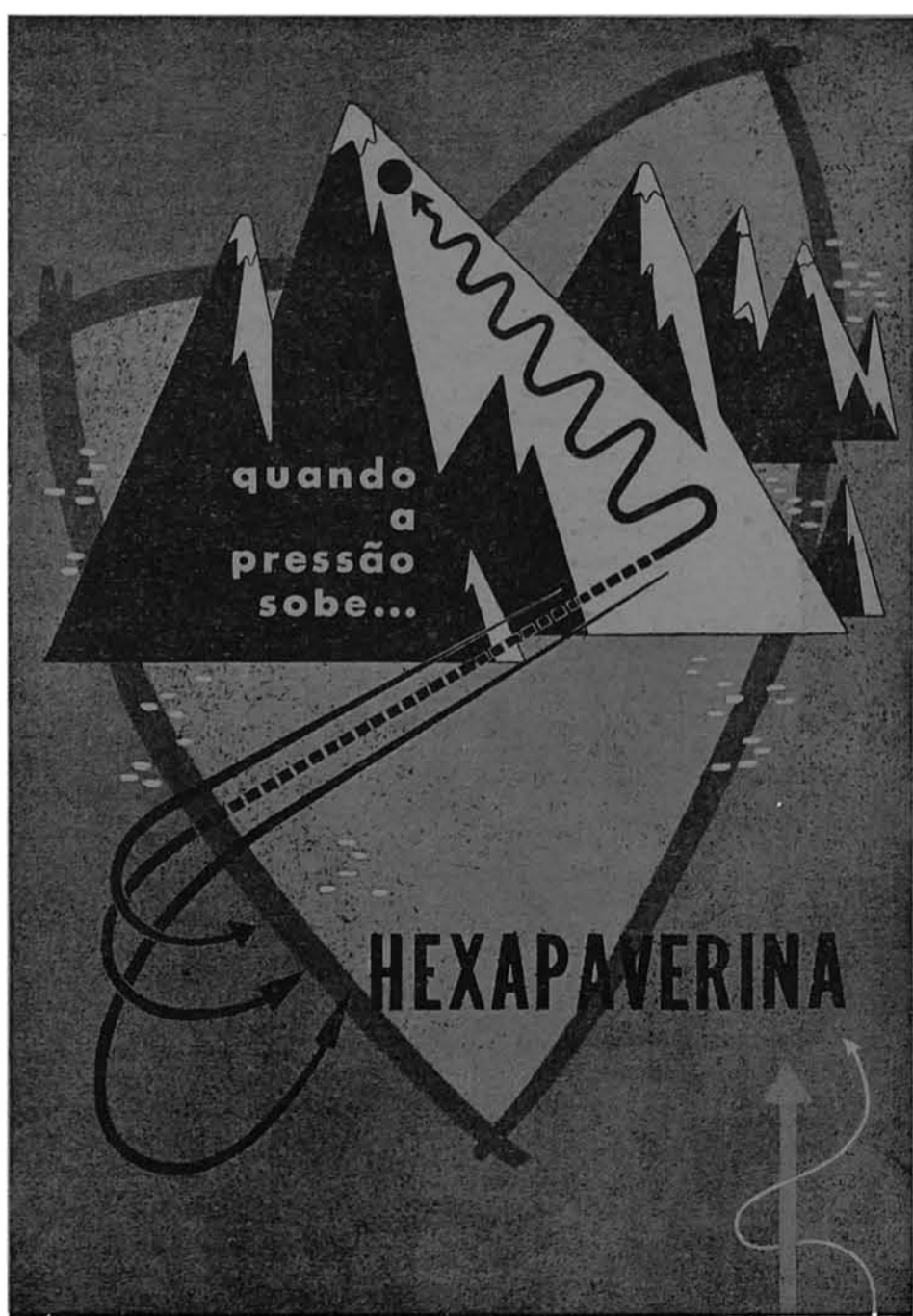
Olhando para mosquiteiro da "pereira" Dartagnan vê que ele agora está menso acha que duelo foi um "mau...ro"...mance.

O mosquiteiro da "oliveira" que há pcu... "co...tinha" rido está sério e carraucado. Dartagnan lembra ele laconicamente que: ri melhor quem ri por ultimo.

Finalmente dirige-se ao mestre dos mosquiteiros, chamando-lhe a atenção no sentido de que não se deve empregar em duelos armas fora de uso rotineiro e que o bom mosquiteiro por uma questão de ética nunca deve demonstrar desprezo, nem ridicularisar os pequenos escudeiros quando mal sucedidos num duelo. Dartagnan termina dizendo:

— Meu caro, mestre, "peço...a" palavra para lembra-lhe que agora esta... "mos...quites".

N. A. — Fico profundamente agradecido ao Alexandre Dumas, cuja obra me foi bastante util na elaboração desse conto, lembrando que o mesmo também poderia ser intitulado como outra famosa obra do mesmo escritor: "Memorias de um médico".



LABORATÓRIO XAVIER

DE

João Gomes Xavier & Cia. Ltda.

RUA TAMANDARÉ, 553 e 984 SÃO PAULO BRASIL

BAR E CAFÉ  
Municipal

LUIZ ANGOTTI

BEBIDAS NACIONAIS E  
EXTRANGEIRAS

Rua Barão de Itapetininga,  
13 - Tel.: 4-3200 - S. Paulo

DR.  
PLINIO de TOLEDO PIZA  
MÉDICO-OCULISTA  
R. 7 de Abril, 118 - s. 906  
Fone: 36-3162

Livraria Internacional

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS E TÉCNICAS

Encomendas de revistas livros nacionais estrangeiros

Rua Libero Badaró, 92 7.º andar Tel.: 32-1225

SÃO PAULO

# Arrancado de nosso convívio a brilhante figura do Professor Dr. Raul Briquet

RAUL BRIQUET — TOCÓLOGO E PROFESSOR DE CLÍNICA OBSTÉTRICA (1)

Srs. Alunos do 5.º Ano do Curso Médico

Srs. Alunas da Escola de Obstetrias.

Designado pelo Sr. Diretor da Faculdade de Medicina, para, em caráter interino, continuar curso de Clínica Obstétrica e Puericultura Néonatal, é com o mais profundo pesar que o fazemos por ver a nossa Enfermaria ainda envolta em crepe pelo desaparecimento do Prof. Raul Carlos Briquet.

Ao reiniciarmos o curso após estes dias em que a emoção do acontecimento ainda perturba a serenidade da meditação, não sabemos como render-lhe homenagem à altura de seu merecimento, do seu valor e da sua dignidade. Não fora a exigência regulamentar a ditar a continuidade das lições certamente o silêncio diria melhor da tristeza que vai nestas enfermarias pela ausência do seu orientador. Nesta sala ainda se ouve o eco das preleções de Raul Briquet transmitir a seus alunos as últimas aquisições da ciência aplicadas à especialidade, ainda se ouve o eco de sua crítica construtiva às tendências ainda não alicerçadas na análise e observações dos fatos, ainda se ouve o eco de seus conselhos auridos tanto na leitura meditada dos trabalhos e livros da especialidade, como na experiência adquirida na observação atenta, cuidadosa e refletida dos casos clínicos que sob suas vistas aqui passaram.

As manifestações clínicas da doença que o vitimou impediram que tivéssemos o ensejo de melhor conhecê-lo para mais admirá-lo, impediram que pudéssemos avaliar a grande admiração que tinha pelos estudantes da nossa Faculdade, a quem nunca vimos recusar um pedido desde que vislumbrasse possibilidades no aprendizado do futuro médico.

Em rápidas notas biográficas sintetizamos a sua personalidade como obstetra e Professor da especialidade.

Nascido neste Estado, na cidade de Limeira, herdou de seus progenitores a inteligência e o amor ao estudo que o fariam brilhar em todos os setores em que seu espírito de investigação descobrisse pontos a esclarecer ou dívidas a dissipar.

Diplomado em 1910 pela Faculdade de Medicina de hoje Universidade do Brasil, já na escolha do assunto de sua tese de doutoramento que versou sobre «Da psico-fisiologia patológica musicais» demonstrava as tendências polimorfas do seu espírito, não escolhendo assunto de medicina pura, mas procurando na arte musical, «potência de sugestão e encanto» na sua citação de Combarieu, os elementos para sua dissertação inaugural onde já entrevia as íntimas relações do estado somático, patológico ou não, com as variações da psique determinadas pelas ondas musicais.

Iniciou sua atividade profissional como interno na Maternidade de São Paulo, onde logo soube se im-

pôr pelo prestígio adquirido na orientação segura que imprimia aos casos clínicos sob sua responsabilidade. E tais foram as demonstrações de sua cultura obstétrica e pendor pelo ensino que Sylvio Maya, primeiro professor da especialidade da nossa Escola o convidou para seu assistente chefe de clínica, pois já antevia aquele que o substituiria com segurança nos conceitos, rigidez na ética e proveito para o ensino.

Assumiu cátedra de nossa Faculdade em 7 de abril de 1925 após memorável concurso, em que, ao lado da precisão do fraseado que lhe era peculiar, teve ensejo de evidenciar sua invejável cultura humanística e científica.

Não é difícil mostrar a personalidade de Raul Briquet, não só como tocólogo, como orientador de escola obstétrica como o foi, das



PROF. RAUL BRIQUET

mais fecundas.

Uma de suas primeiras preocupações ainda quando interno da Maternidade de São Paulo, foi demonstrar suas tendências para magistério, ao obter, em 1914, em provas públicas, na Faculdade do Rio de Janeiro, o título de livre-docente com tese sobre a «Diálise reação de Abderhalden», prova para diagnóstico da prenhez, assunto que naquele tempo estava na ordem do dia.

Em todos os setores da especialidade, deixou volumes que perpetuam sua maneira de pensar e orientar o ensino. A Obstetrícia Operatória (1932), a Obstetrícia Normal (1939), as Lições de Anestesiologia (1943), a Patologia da Gestação (1948), são obras de leitura obrigatória a quem vai se dedicar à assistência à mulher no ciclo grávido-puerperal, e, ainda agora, acamado por doença insidiosa, estava a terminar Patologia do parto e puerpério, com a qual pretendia en-

cerrar a documentação de suas lições nesta Faculdade.

Foram inúmeros as honrarias que recebeu das sociedades obstétricas do país e de fora, que o distinguiam com títulos de Membro honorário ou correspondente, e o convidaram para pronunciar conferências, ouvidas com interesse que desperta palavra do mestre consumado da especialidade.

Presidente do 2.º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, aqui reunido em 1948, a ele soube dar o brilho de projeção internacional graças a convites que endereçou a sumidades mundiais, que o atendendo, aqui expuseram, em relatórios e conferências, o resultado de suas pesquisas.

Desnecessário enumerar seus numerosos trabalhos sobre assuntos da especialidade para se ter idéia de quão fecunda foi sua atuação

peito à «inviolabilidade» da vida embrionária não era apenas ensinada nas associações de doença materna com a gestação, pois sempre repetia o seu postulado que «a reputação dignidade do parteiro pautavam-se, em essência, no respeito que tem pela vida do produto conceptual, mesmo na sua mais rudimentar expressão».

A orientação obstétrica da gestante cardiopata foi outra faceta dominante da orientação de Raul Briquet. Com Lemos Torres iniciou a assistência conjugada do cardiologista tocólogo nas portadoras dessa associação e os resultados iniciais apresentados no trabalho «Coração e gravidez» (1939) de Lemos Torres, Jairo Ramos e Guimarães Filho, laureado com prêmio «Durocher» da Academia Nacional de Medicina, foram marco inicial dessa orientação que, ainda hoje obedecida, determinou regras benéficas a essas gestantes.

A técnica da incisão do segmento inferior na operação cesárea foi aqui iniciada tanto nas suas variedades extra como transperitonial, como atestam as teses de Tolosa (1920) e Camargo (1924). Revividas as cesáreas extraperitoniais pelos autores americanos, esta Escola não a adotou, pois sabia da defesa que o emprego dos antibióticos trazia à parturiente, e que compensava de sobejo a maior dificuldade técnica do ato operatório, aliada à inconstância do resguardo da solução de continuidade da serosa peritonial.

Ainda no tratamento das infecções puerperais, Raul Briquet foi o pioneiro, entre nós, da aplicação das sulfas. A divulgação inicial data de 1939 quando, em reunião de especialistas no Rio de Janeiro, pronunciou uma conferência sobre «Aspectos do tratamento moderno da infecção puerperal», em que historiou as pesquisas de Domach, estudou o mecanismo de ação dos sulfoconjugados de acordo com as indicações de seu emprego controlado pela determinação da concentração sanguínea. Em 26 de janeiro de 1940 aqui se iniciou tratamento da infecção pelo Anasseptil por via venosa.

Outro marco da personalidade obstétrica de Raul Briquet é o referente ao seu cauteloso beneplácito ao emprego da analgesia no parto. Sempre falava dos perigos, para o nascituro, da sedação da dor no trabalho de parto, ensinando seu emprego parcimonioso, combatendo o abuso desnecessário, e alertando contra os efeitos prejudiciais da anóxia cerebral fetal no desenvolvimento psíquico do futuro ser humano. Tendo ainda em vista o recém-nascido estimagizava o exagero da indicação operatória extrativa pelo fórceps bem como combatia a espera desmedida no período expulsivo demorado, pois tanto esta como aquela maneira de assistência contrastava com fragilidade do aparelho contendor do cérebro

(Continua na pág. 2)

## Homenagem ao saudoso Benedito Heladio Santana



BENEDITO HELADIO SANTANA  
SIM, NÃO e LINHA RETA — eis o seu lema até o fim.

Exemplo de cidadão, de funcionário e de chefe de família, foi sua vida um espelho de virtudes, refletindo em toda a pureza as facetas desse espírito de escol.

Profundamente religioso, praticava e cultivava a humildade e a tolerância. Amigo dos grandes e dos pequeninos, tinha para todos o conselho que anima e conforta, a palavra que sugere e lembra.

Foi principalmente um bom. Esparziu e semeou a manchieiras, as sementes do bem, que frutificaram em abençoada mesés de trabalho, amor e justiça, porquanto o que Ele fez, embora na sua modéstia imensa, se perpetuará através do tempo. Foi obra construtiva, alicerçada com a dedicação que devotou à Faculdade, à casa de Arnaldo que tanto amou e honrou.

E agora que já mergulhou na profunda noite sem alvorada, agora que não mais o temos conosco, vivamos da sua lembrança, ao embalo dessa Grande Saudade.

AVELINO ALGARTE

## OS ESTUDANTES DEVIAM...

constituir força moral inquebrantável, vigilante, vanguardeira incabalável;  
ser voz nunca silenciada que elogia o merecimento mas não poupa crítica justa e leal;  
se caracterizar pelo entusiasmo nas causas coletivas;  
pelo acerto e qualidade das iniciativas;  
pela eficiência de suas realizações libertadas de interesses e burocracia;  
pelo livre discernimento não atado a interesses espúrios;  
pela independência em ação pensada;  
pela intenção soberanamente honesta e justa de suas atitudes;  
deviam...